



Era, outra vez

A FESTA DOS SONHOS

Sarah Mlynowski
autora de *Me ligo*

Mais de
4 MILHÕES
de exemplares
vendidos no BRL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Era outra vez

A mais bela de todas

Se o sapatinho servir

Tudo ou nada

A festa dos sonhos

10 coisas que nós fizemos (e provavelmente não deveríamos)

Feitiços e sutiãs

Sapos e beijos

Férias e encantos

Festas e poções

Me liga

Sarah Mlynowski

Era outra vez

A FESTA DOS SONHOS

Tradução de
MARIA P. DE LIMA

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2017

M681f

Mlynowski, Sarah

A festa dos sonhos [recurso eletrônico] / Sarah Mlynowski ; tradução Maria P. de Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2017.

recurso digital (Era outra vez ; 4)

Tradução de: Dream on

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11201-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil canadense. I. Lima, Maria P. de. II. Título. III. Série

17-43858

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

Dream On

Copyright © 2014 by Sarah Mlynowski

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11201-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

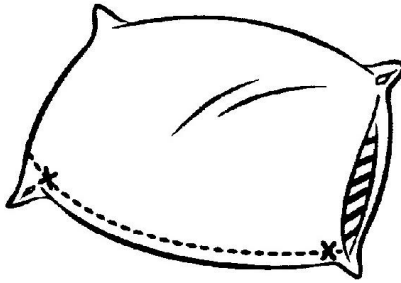


Para minha pequena família mágica:
Chloe-Bear, Anabellers e papa.
Vocês são um sonho realizado.

Sumário

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove

Capítulo um



Dormir não faz parte de uma festa do pijama

É sábado à noite e minha nova melhor amiga, Robin, veio dormir aqui em casa.

Estamos no porão. Ela está me ensinando alguns passos de dança que aprendeu com sua irmã mais velha. Chuta com a direita, chuta com a esquerda, braços para o alto e vira! Estamos ensaiando de frente para o espelho. E estamos ficando realmente boas.

É minha primeira festa do pijama desde que me mudei para Smithville.

E é minha primeira melhor amiga em Smithville.

Na verdade, tenho duas melhores amigas em Smithville, Robin e Frankie. Mas só posso chamar uma pessoa para dormir aqui em casa de cada vez, porque só tenho uma bicama. E, também, segundo mamãe, chamar duas pessoas para passar a noite é demais. Da próxima vez, vou chamar Frankie.

Estou tonta, o que vai fazer com que a parte de “ir para a cama” da festa do pijama seja um problema. Mas ninguém espera que alguém durma de verdade em uma festa do pijama, não é mesmo? O que se espera é que você fique acordado a noite toda, fofocando. E também que entre escondido na cozinha para fazer brigadeiro, se tiver todos os ingredientes, e eu tenho. Comprei na mercearia na quarta-feira para que a gente pudesse fazer.

De todo modo, ninguém vai dormir na minha festa do pijama. Vamos apenas nos divertir.

De repente, as luzes no porão piscam, acendendo e apagando.

— O que foi isso? — pergunta Robin, olhando ao redor.

— Não sei — digo, sentindo uma náusea no estômago. Dou uma olhada nervosa na direção do espelho. É uma antiguidade e tem o dobro do meu tamanho. A moldura é feita de pedra e tem fadas e varinhas de condão esculpidas. Além disso, é mágico. (Já falo mais sobre isso.)

Ouçó meu irmão de 7 anos rindo lá em cima.

— Jonah! — grito. — Pare de brincar com as luzes!!

O porão fica escuro.

— Acenda a luz de novo agora mesmo! — berro. — Mããããããeeeeeeeeee! Faça o Jonah parar!

As luzes se acendem novamente. Escuto mais risos.

— Desculpe pelo meu irmão ser tão chato — resmungo.

Robin dá de ombros.

— Tranquilo. Irmãos mais novos são fofos.

Só alguém que *não tem* um irmão mais novo diria que um irmão mais novo é fofo.

Robin tem uma irmã mais velha absurdamente INCRÍVEL chamada Dalia.

Dalia ensina Robin a dançar, empresta os brincos de argolas dela e mostra como passar sombra verde nos olhos. Dalia não fica apagando e acendendo as luzes para irritar a irmã.

— Onde estávamos? — pergunto, voltando para a posição anterior. Vejo nosso reflexo no espelho. O cabelo de Robin é louro arruivado e muito encaracolado. Dalia ensinou a ela como domar os cachos com gel. Meu cabelo castanho é ondulado e sem graça. Nossos pijamas são mais um exemplo da diferença entre nós. Robin está usando calças de pijama pretas e iradas com uma blusa brilhante (que era de Dalia). Meu novo pijama é realmente bonitinho; tem uma estampa de patinha de cachorro, mas parece infantil perto do de Robin.

Ela repara que estou olhando para nosso reflexo e acena. Com as unhas pintadas num tom pastel verde.

— Tem algo estranho com esse espelho, não acha? — comenta ela, tocando no vidro liso.

— Como assim? — pergunto, embora concorde com ela. É CLARO que concordo!

Olhe o que posso dizer sobre nosso espelho:

- Uma fada chamada Maryrose vive dentro dele.
- Quando você bate três vezes nele, o espelho começa a girar, assoviar e fica roxo.
- Ele engole você e leva para dentro de um conto de fadas.

Dizer que o espelho é estranho é POUCO.

Robin franze o nariz.

— É como se ele estivesse nos observando. É um espelho assombrado!

Dou uma risada forçada e tento mudar de assunto.

— Você está com fome? Estou faminta. Vamos subir. Gosta de brigadeiro?

— É claro — responde ela. — Quem não gosta de brigadeiro? Mas antes queria ligar para minha irmã para dizer oi. — Ela pega o celular da mesa.

Robin leva o telefone para todos os lugares aonde vai. Ele é decorado com pedrinhas brilhantes amarelas. Ela pode mandar mensagens ilimitadas. Só algumas das crianças da nossa sala têm telefone celular, então não é como se ela pudesse mandar mensagem para todo mundo. Mas pode mandar para algumas pessoas.

Eu não posso mandar mensagem para ninguém.

Não posso decorar nossos eletrônicos com pedrinhas brilhantes amarelas.

Não posso ligar para ninguém.

Bem, posso ligar para alguém do telefone fixo, mas não posso ligar quando estou na rua. Não posso ligar do carro. Não posso ligar da escola. Não posso ligar do parque.

Eu não tenho telefone celular.

Eu gostaria de ter um telefone celular.

Frankie também não tem celular, mas isso não faz com que eu me sinta melhor. E, diferentemente de mim, ela tem dois irmãos mais novos. DOIS! Dá para imaginar? Dois Jonah? Estremeço.

Com ou sem celular, não vou deixar DE JEITO NENHUM Robin no porão sozinha. É muito arriscado com o espelho mágico lá.

— O sinal é horrível aqui embaixo — minto. — Vamos subir. — Na verdade, não tenho ideia se o que eu disse é verdade ou não porque NÃO TENHO CELULAR. Ela me segue escada acima e mostro onde fica a sala de estar para que possa fazer a ligação. — Vou começar a preparar o brigadeiro — aviso. — Venha quando terminar.

— Onde está Robin? — pergunta minha mãe quando chego na cozinha. Ela está esvaziando a máquina de lavar.

— Está dando um telefonema. Do *celular* dela.

Mamãe apenas sorri.

Eu me sento na mesa da cozinha e balanço as pernas.

— Posso ter um celular?

Minha mãe ri e guarda uma pilha de pratos.

— De jeito nenhum.

— Mas preciso de um — explico.

— Você não precisa de um celular — responde ela. — Você quer um.

— Eu quero e eu preciso.

— Por que precisa de um celular?

— Para mandar mensagens! Para ficar em contato! Assim você vai saber onde eu estou o tempo todo!

Mamãe dá um sorriso irônico.

— Já sei onde você está o tempo todo.

Claramente ela não sabe sobre o espelho mágico no porão. (Nem como fui sugada para Flom, Mostarda e Zamel.)

— Vai ganhar um...

Meu coração dá um salto.

— Vou?

— Sim. Quando for mais velha.

— Por que não posso ter um *agora*?

Ela guarda as xícaras de café.

— Porque é nova demais. Não é algo necessário agora. Aproveite sua infância. Terá a vida inteira para ficar presa à tecnologia. Não precisa começar no quinto ano.

Quando ela diz *presa*, não consigo deixar de pensar naquele jogo chamado espirobol. Meu corpo seria a haste, meu braço seria a corda e a bola seria o celular. Gostaria de estar presa a um celular. O quanto antes.

— Quando posso começar?

— Conversaremos sobre isso novamente daqui a alguns anos.

— Mas então falta muito. Tipo uns cem anos — reclamo.

— O tempo passa rápido — diz minha mãe. — Só aproveite. Que tal fazermos o brigadeiro agora?

O tempo não passa rápido o *suficiente*, na minha opinião. Passa super-hiper-mega devagar. Parece que vou ser criança para sempre. Mal posso esperar para ser adulta. Já tenho tudo planejado.

Depois do ensino fundamental um, vou para o fundamental dois, depois para o ensino médio, então para a faculdade cursar Direito. Quando terminar os estudos, serei uma advogada e depois vou

ser juíza.

Juízes com certeza têm celulares próprios.

Será que eles mandam mensagens para outros juízes quando estão entediados?

O brigadeiro está delicioso. Dou um pouco para Jonah, apesar de ele perguntar se pode colocar catchup. Meu irmão é obcecado por catchup. Claro que a resposta a essa pergunta é NÃO.

Ele come mesmo assim, lambendo os beijos o tempo inteiro.

Às 9h30, eu e Robin estamos no quarto com as luzes apagadas. Ela está usando o celular de novo. Dessa vez foi a mãe dela quem ligou para dar boa-noite.

Ela fica *muito* no telefone. O que é totalmente compreensível. Se eu tivesse um celular, passaria muito tempo com ele também.

— Sim, mãe — diz Robin enquanto anda pelo quarto. — Mãe, está *tudo bem*. — Ela faz uma pausa, parando perto da cômoda e tocando na caixinha de joias retangular que está em cima dela. Minha caixinha de joias *especial*.

Robin revira os olhos.

— Eu disse a ela. Prometo! Não se preocupe! Te amo! Tchau!

Ela desliga e joga o telefone na bolsa de cor laranja de couro onde estão todas suas coisas. Sei que a bolsa era de Dalia.

— Está tudo bem? — pergunto, esperando, do fundo do coração, que a mãe dela não tenha dito que ela precisa voltar para casa.

— Tudo bem — responde ela, então aponta para a caixinha de joias. — Adorei isso.

Fico vermelha e feliz.

— Obrigada. Minha vó que me deu. — Ela mora em Chicago e sinto falta dela. Tem meses que não a vejo. Era para eu ter ido visitá-la na semana passada. Ia até viajar SOZINHA. Mas aí houve uma tempestade imensa e todos os aeroportos atrasaram os voos e minha mãe ficou com medo que eu ficasse presa em algum lugar, então não me deixou ir.

Sabe o que ajudaria muito no caso de ficar presa em um aeroporto? Um telefone celular.

Mas enfim. A caixinha de joias não é especial só porque foi minha avó quem me deu.

— Quem são essas pessoas na caixa? — pergunta Robin.

E lá vamos nós.

— São personagens dos contos de fadas — explico.

Ela chega mais perto.

— Ah, é. Ali a Bela Adormecida dormindo e o Aladim no tapete voador. Aquela é a Branca de Neve? Por que ela está de pijama?

Boa pergunta.

Branca de Neve *está* de pijama na caixinha de joias. Pijama verde-limão.

Para ser mais exata: *meu* pijama verde-limão.

Por que a Branca de Neve está usando meu pijama verde-limão?

Ela não estava vestida assim antes. É claro. Mas eu e Jonah mudamos o final da história da Branca de Neve quando o espelho do porão nos sugou até o mundo dela.

Todos os personagens dos contos de fadas e os novos finais de suas histórias aparecem na caixinha de joias. E só na minha caixinha de joias. Na semana passada, folhee um livro de *Contos de Fadas* que temos na biblioteca da escola — ops, quer dizer, na sala de mídia — e os finais continuavam como nas histórias originais.

Mas minha caixinha de joias tem os novos finais.

Só que não conto isso para Robin, porque Jonah e eu não podemos falar isso com ninguém.

Por mais que eu queira muito. Muito mesmo.

— Não sei por que a Branca de Neve está de pijama — comento. — É alguma besteira, eu acho.

Então bocejo. Não queria ter feito. Queria ficar acordada a noite inteira e continuar conversando.

Aí Robin boceja. O que não me surpreende porque bocejar é contagiante.

Ela sobe na cama de baixo.

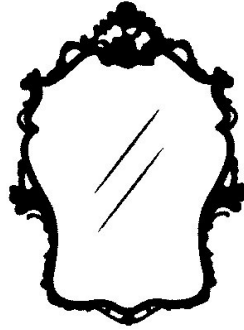
— Por que não fechamos os olhos por alguns segundos? — sugiro. — Depois continuamos a conversar.

— Tá — concorda Robin. — Só por alguns segundos.

Vamos tirar um cochilo rápido. Depois vamos nos divertir. E muito. Comeremos mais brigadeiro

— fecho os olhos —, mas não com catchup.

Capítulo dois



Totalmente acordada

Acordo com um estalo alto.

Pulo na cama.

Eu me viro para ver o relógio — são 11h55 da noite. Porcaria. Não era para a gente ter dormido tanto. Ia ser só uma soneca!

Ouçó outro estalo. Olho para a cama de baixo para ver se Robin ainda está dormindo.

A cama está vazia.

Ahn?

Onde ela está?

Será que imaginei que ela tinha vindo passar a noite aqui? Foi um sonho? Robin estava aqui mesmo?

Vejo a bolsa cor de laranja de couro dela no chão.

Não, ela definitivamente *estava* aqui e ainda está. Mas onde?

Talvez esteja escondida embaixo dos cobertores? Jonah sempre se escondia embaixo dos cobertores quando brincávamos de esconde-esconde. Salto da cama e jogo as cobertas dela no chão.

Não. Nada de Robin.

Hummm.

Ah! A porta está completamente aberta. Tenho certeza de que a fechei antes de ir deitar. Robin deve estar no banheiro. Sem dúvida já vai voltar.

Vou esperar.

Sento na beira da cama.

Estalo os dedos.

E espero.

Ainda estou esperando.

Ela está demorando demais no banheiro. É melhor ir ver se está tudo bem. Ando pelo corredor na ponta dos pés. A porta do banheiro está aberta e as luzes, apagadas. Ela não está lá.

— Robin? — sussurro.

Nenhuma resposta.

— Robin! — sussurro de novo, mas dessa vez falo um pouco mais alto, sem realmente sussurrar.

A porta do quarto de Jonah se abre rapidamente.

— Me chamou? — Ele está com o pijama do Super-Homem e tem algum tipo de jogo eletrônico na mão.

— Não — respondo. — O que está fazendo acordado?

— Estava jogando Caratê Crocs. É um novo jogo com crocodilos que lutam caratê. — CREC. — Ouviu isso? — pergunta Jonah, olhando escada abaixo. — Veio do porão.

Realmente *pareceu* ter vindo do porão.

— Não consigo encontrar Robin — explico. Será que ela está no porão?

CREC. Veio do porão de novo.

O que Robin estaria fazendo no porão? Ela não estaria lá! Não está no porão! Então por que estou entrando em pânico?

— Acho que ela está no porão — diz Jonah.

Ótimo.

Desço os dois lances de escada cuidadosamente, com Jonah me seguindo logo atrás.

Quando abro a porta do porão, ouço outro rangido.

— Robin? — chamo. — Você está aí?

Desço os degraus correndo e logo a vejo. Ela está andando pelo cômodo de pijama com o rosto inexpressivo.

— Robin, está tudo bem? — pergunto. — O que você está fazendo? Esqueceu alguma coisa aqui embaixo?

Ela não responde. Continua apenas andando em círculos.

— Será que ela é sonâmbula? — penso alto.

Jonah esfrega os olhos com o dorso da mão.

— Os sonâmbulos não andam com os braços estendidos para a frente? Tipo zumbis? Talvez ela seja um zumbi.

— Robin não é um zumbi — digo. Embora esteja parecendo um pouquinho com um.

— Talvez ela só se transforme em zumbi de noite — sugere Jonah. — Por isso você nunca ficou sabendo.

— Ela *não* se transforma em zumbi à noite! — insisto. Ainda assim, arrepios correm da minha espinha para os dedos. — Robin, está assustando a gente! Fale comigo!

Em vez de responder, ela dá de cara com o espelho.

O espelho mágico.

Ouço um assovio baixo. Ssssssssssss.

Ah não, ah não, ah não. O espelho está acordando.

Robin dá um passo para trás.

Tento alcançá-la embora esteja com medo dela. Mas é tarde demais.

Ela esbarra no espelho de novo.

Meu corpo todo fica tenso quando vejo uma luz roxa e quente irradiando do espelho. Se Robin

bater no espelho mais uma vez, vai ser sugada para um conto de fadas. NÃO POSSO deixar isso acontecer. Preciso impedir que isso aconteça!

— Maryrose, você está aí?— pergunto. — Está me ouvindo? Por favor, não leve minha nova melhor amiga! PARE, ROBIN, PARE!

Eu me estico para segurá-la de novo, mas ela dá um passo à frente e escapa. É tarde demais.

Robin bate no espelho uma terceira vez.

Primeiro o reflexo dela começa a girar como se estivesse dentro de uma máquina de lavar.

Não, não, não!

Então o espelho se transforma em um aspirador, puxando-a para ele. Finalmente consigo segurá-la pelo pulso.

— Não! Não vá! — grito. Sinto como se não pudesse respirar.

Jonah se segura no corrimão. Eu me agarro nele com uma das mãos e seguro o pulso de Robin com a outra. Mas é como se eu estivesse em um cabo de guerra, perdendo. O pé direito de Robin é a primeira coisa que desaparece no interior do espelho. Depois a perna toda. Então metade de seu rosto some lá dentro.

Está muito difícil segurá-la! Solto o pulso dela, e o restante de Robin é sugado pelo espelho.

Ver minha melhor amiga ser engolida para dentro de um conto de fadas NÃO fazia parte dos planos de minha festa do pijama.

— Vamos — peço para Jonah. — Temos que ir também. Não podemos deixar Robin sozinha lá. Ela nem está acordada!

Não é como se tivéssemos escolha. O espelho já está nos puxando pelas meias.

Por falar em meias, as de Jonah estão furadas. Posso ver cada um de seus dedões. Por que ele não as jogou fora?

— Maneiro! Vamos! — comenta meu irmão, com os olhos brilhando de entusiasmo. Diferentemente de mim, Jonah está sempre pronto para uma aventura. Mas normalmente eu também fico animada por entrar no espelho. Quero ver outras histórias ganhando vida. Quero saber a verdade sobre Maryrose. Mas não NESTA NOITE. É a noite da festa do pijama! Robin nunca mais vai poder voltar se for envenenada por uma bruxa ou se for transformada em um rato enquanto estiver em minha casa.

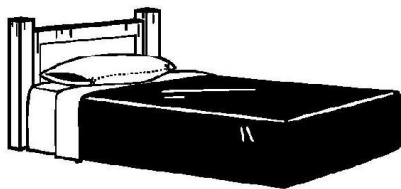
— Aonde acha que vamos? — pergunta Jonah. — *João e o pé de feijão?*

— Por que sempre acha que vamos a essa história?

— Você não quer conhecer um gigante? — questiona ele, soltando por fim o corrimão.

Antes que eu possa dizer “não, não quero”, o espelho nos dá um grande puxão e somos sugados para dentro dele.

Capítulo três



Essas meias foram feitas para andar

Atravessar o espelho nunca dói. Parece que você está andando sobre o ar ou atravessando uma porta.

Quando conseguimos nos equilibrar, percebemos que estamos no andar térreo de uma torre de pedra. Há uma escada em espiral que começa logo atrás de onde estamos e vai subindo por dentro da torre por pelo menos quinze andares, talvez mais. Algumas janelas redondas deixam o sol entrar.

No chão, há pilhas e mais pilhas de potes de cobre, pratos de tamanhos variados, copos e talheres. São. Tantas. Pilhas. É como se estivéssemos em uma garagem usada para guardar entulho.

Está úmido aqui, como um banheiro fica depois que alguém toma um banho. E tem um cheiro doce e meio floral no ar. Tipo o cheiro que ficou quando Jonah derrubou o perfume da mamãe no chão. Ela não ficou nada feliz com aquilo.

— Em qual conto de fadas estamos? — pergunta meu irmão.

Hummm. Estamos em uma torre... Qual história tem uma torre? Ah!

— Aposto que estamos na história da Rapunzel!

Vejo Robin parada do outro lado do cômodo. Os braços dela estão estendidos ao lado do corpo e ela está piscando, visivelmente confusa.

— Você está bem? — pergunto a ela.

— Abby? Estou sonhando? — indaga Robin.

— Não exatamente — respondo.

— Onde estamos?

— Hum, é uma história meio estranha — comento, hesitante. Acho que vou ter que explicar. — Eu acordei e você não estava na cama — digo a ela. — Seguimos você até o porão e...

— Achei que você fosse um zumbi — diz Jonah, com os braços rígidos estendidos. — Foi incrível.

Robin cobre o rosto com as mãos e geme.

— Não acredito que fiquei sonâmbula!

Eu estava certa. Ela *estava* sonâmbula.

— Você, sonâmbula, desceu dois andares de escada? — pergunto aos gritos. — Não é perigoso?

— É! Tinha anos que eu não fazia isso — explica ela. — Minha mãe nunca teria me deixado ir dormir na sua casa se achasse que isso ainda estava acontecendo... E prometi a ela que tinha contado para você e para sua mãe por precaução. Isso é tão constrangedor. — Ela dá uma olhada ao redor. — Mas onde nós estamos? É um cômodo na sua casa?

— Não. É o seguinte: quando entrou no porão, você...

— Onde será que aquelas escadas vão dar? — comenta Jonah, me cortando e correndo até o primeiro degrau.

— Espere, Jonah! Calma aí! — chamo. — Precisamos de um plano! Não queremos assustar a Rapunzel!

— Não temos certeza se estamos nessa história — responde ele, já subindo os degraus. — Talvez seja *João e o pé de feijão!*

Meu irmão está obcecado.

— Não. Tenho quase certeza de que é Rapunzel! — afirmo. Mas Robin está logo atrás de Jonah e os dois já subiram alguns degraus. — Aonde vocês vão? — grito.

— Para o topo! — berram eles de volta. Qualquer um diria que Robin é a irmã de Jonah.

— Estou indo! Tenham cuidado! — Acabo de perceber que as escadas não têm corrimão. Sigo meu irmão e Robin mesmo assim.

Há. Tantos. Degraus. São feitos de pedra e estão meio gastos. Aposto que ia doer cair ali. Felizmente Robin não está mais sonâmbula.

— Não digam nada a Rapunzel até que eu chegue lá! — grito para Jonah enquanto apoio meu corpo na parede.

— Quem é mesmo a Rapunzel? — pergunta ele.

— A que tem o cabelo comprido. Ela joga as tranças pela janela e o príncipe sobe por elas, como se o cabelo fosse uma escada! — Minha vó costumava ler os contos de fadas pra gente quando éramos mais novos. Eu prestava atenção 95% do tempo. Jonah só cinco.

— Não estou entendendo — comenta Robin. — O que isso tem a ver com Rapunzel?

— Era o que eu estava tentando explicar. — Bufo e continuo subindo. — Então. Temos um espelho no porão e tem essa fada, a Maryrose, ela é meio...

— Alguém que se chama Maryrose vive em seu porão? — pergunta Robin.

— Bem, mais ou menos. — Bufo de novo e de novo. Não consigo falar e subir ao mesmo tempo. — Explico quando chegarmos lá em cima — digo, embora não esteja muito certa sobre onde é *lá em cima*.

Está ficando quente. Esse lugar precisava de um ar-condicionado.

— OK! — confirma Robin. — Estou quase chegando no topo!

— Tenha cuidado! — peço. Já atravessei o espelho três vezes, então sei como funciona. Mas Robin é novata.

— Olá. — Ouço Robin dizer num tom de voz amistoso ao chegar no último degrau e desaparecer de meu campo de visão.

Para onde ela foi? Com quem está falando?

— Para quem ela está dizendo olá? — pergunto para Jonah, pois ele está mais perto da soleira do que eu. — Quem está aí?

— Ainda não sei — responde ele, sumindo também. — O que é isso? — Ouço meu irmão perguntar.

O que é o quê? Argh! Preciso saber o que está acontecendo. Impulsiono meu corpo para subir os últimos degraus, até que, finalmente — arf, arf —, chego no alto.

Entro em um sótão iluminado. Há uma pequena cama coberta por uma manta rugosa próxima da parede. Na verdade, se parece mais com um pano de chão do que com um cobertor — me sinto mal pela pessoa que dorme ali. Acima, no teto rebaixado, há uma claraboia grande por onde o sol entra. No fundo do quarto, uma mulher está sentada em um banco em frente a uma engenhoca qualquer. Parece um violino. Tem muitas cordas. E uma roda.

A mulher está de preto: calça e blusa larga. Parece ter a idade de minha mãe — não, é mais velha que minha mãe. Porém mais nova que a vovó. O cabelo dela é curto, num misto de fios louros e grisalhos. Definitivamente, não é Rapunzel. Ela está sorrindo, mas os olhos parecem sem vida, enfadonhos.

Eu me junto a Jonah e Robin no centro do cômodo.

— Qual de vocês é a princesa? — pergunta a mulher. O sorriso falso se alarga. Quanto maior fica, menos natural parece, como o sorriso do lobo na história da Chapeuzinho Vermelho.

Não estamos na história da Chapeuzinho Vermelho, estamos?

Não. Não vejo presas. Ou pelos.

— Nenhuma de nós é a princesa. — Tenho cuidado para manter o tom neutro. Eu queria saber se essa mulher é uma personagem boa ou uma vilã. Meu cérebro está a toda. Acho que posso perguntar a ela.

— Qual o seu nome?

A mulher nos encara.

— Qual o *seu* nome? — dispara ela de volta.

Pela falta de educação, eu chutaria que é uma vilã. Coloco o braço ao redor de Jonah.

— Sou Robin. Essa é Abby e ele é Jonah — responde Robin, com a voz saltitante. Imagino que ela ainda esteja animada por estar em uma torre estranha.

A mulher olha de mim para Robin e Jonah, claramente confusa sobre o que fazer. A indecisão dela me faz relaxar um pouco, porque vilões geralmente têm seus planos sinistros bem definidos.

— Sou... Lottie — diz ela, por fim.

Penso em todos os contos de fadas que minha vó costumava contar. Não me lembro de nenhuma Lottie. Mas às vezes os nomes dos personagens são diferentes na vida real — na vida do espelho, quero dizer.

Robin aponta para a engenhoca-violino.

— O que é isso?

É uma harpa? Um violoncelo? Um carrinho de mão?

Por que está brilhando?

E esses fios todos... Está tecendo uma echarpe? É uma máquina de costura? O que é a parte afiada que parece uma agulha?

Tecer... agulhas...

— Ah! Ah! Ah! — falo num tom agudo. — Estamos na história da Bela Adormecida!

Sim! A engenhoca é uma roda de fiar antiga! Tece fios, fibras ou algo assim. Com certeza este conto de fadas é o da Bela Adormecida. Oba! Adoro essa história.

Robin está andando na direção da engenhoca.

— Robin — chamo.

Mas ela continua andando. Não percebe meu tom de alerta.

— Robin, pare! — grito.

Ela se vira e encosta o braço na parte pontuda, que espeta justamente o cotovelo dela.

Robin faz uma careta.

Eu me encolho.

— Você está bem? — Tenho uma sensação bem ruim sobre isso tudo.

— Isso doeu — comenta Robin, bocejando. — Acho que está sangrando. Que horas são? Está tão claro aqui. Por que estou tão cansada?

Ah, não.

Se ela está cansada, talvez isso signifique...

Robin vê a cama no canto do quarto e sai cambaleante na direção dela. Ela meio que tropeça, então cai de costas.

— Vou tirar um cochilo — murmura, com os olhos quase fechando.

Em um segundo, os olhos dela estão totalmente fechados e ela respira pesado. Já está dormindo.

Na história da Bela Adormecida, a princesa espeta o dedo e adormece por cem anos.

Agora Robin espetou o cotovelo e adormeceu sobre um pano de chão.

Ai, meu Deus. Meu coração bate acelerado. Isso não é bom. Isso é realmente muito ruim.

Senhoras e senhores, tenho quase certeza de que Robin acabou de ser picada por um feitiço do sono.

Capítulo quatro



Dorminhoca

Eu aperto as mãos de Robin algumas vezes.

— Robin, acorde! Você precisa acordar! — choramingo.

As pálpebras dela nem se movem. Robin está completamente apagada.

Lottie enrugando a testa.

— Culpa dela. Devia ter sido mais cuidadosa.

Não consigo deixar de concordar com ela.

— O que está acontecendo? — pergunta Jonah, mordendo o lábio inferior. — Por que ela está dormindo? Onde nós estamos?

Continuo apertando a mão de Robin ao responder:

— Estamos na história da Bela Adormecida. E Robin espetou o dedo na parte pontuda daquele negócio de tecer! E, obviamente, agora está dormindo profundamente.

— Isso quer dizer que estragamos a história? — questiona Jonah.

— Não sei — devolvo, irritada. Só porque meu irmão não prestou atenção nas histórias que nossa avó contava, não significa que eu tenho que explicar tudo para ele o tempo todo. — Vamos tentar acordá-la! ROBIN, ACORDE! — grito de novo, a alguns centímetros do rosto dela.

— É melhor vocês dois calarem a boca. — Quem se irrita agora é Lottie. — A princesa deve chegar a qualquer momento e ela precisa espetar o dedo.

Fecho os punhos.

— Temos que ajudar nossa amiga! Sabe como acordá-la?

— Ela não é problema meu — retruca Lottie. — E vocês precisam sair do caminho.

— Não vamos a lugar algum — insisto, pondo as mãos no quadril. Até parece que vou deixar

Robin lá.

— Então é melhor que se escondam para que a princesa não veja vocês. E fiquem quietos!

Seguro Jonah pela mão e nos agachamos num espaço entre a parede curva e a cama.

— Quem é essa Lottie? — pergunta meu irmão.

Quem é Lottie?

— Se estamos na história da Bela Adormecida e Lottie é a vilã, então provavelmente ela é... a fada malvada?! — Aperto a mão dele. Podemos estar em perigo.

— O que faz a fada malvada ser malvada? — pergunta ele. — Pode me contar a história inteira, por favor?

Dou um suspiro.

— Certo. Um rei e uma rainha estavam tendo dificuldades para ter um bebê. Mas, enfim, nasceu uma princesa. Eles convidaram doze fadas para uma grande festa que celebraria o nascimento. Todas as fadas do reino foram convidadas, com exceção de uma.

Ele balança a cabeça de um jeito sério.

— Isso não foi muito educado.

— Realmente — intromete-se Lottie. — Na verdade, foi *extremamente* rude. E doloroso.

Jonah concorda.

— Na escola, não podemos deixar uma única criança fora da lista de aniversário. Temos que convidar a turma inteira.

Lottie endireita os ombros.

— Essa regra é *muito* boa.

— Eles não a convidaram porque tinham apenas doze jogos de mesa de ouro, e não treze — explico. — Não sei por que não podiam simplesmente usar pratos de papel. Mas, enfim, cada fada deu um presente mágico para a princesa.

Os olhos de Jonah se arregalam.

— Tipo o quê? Crocodilos de verdade que sabem lutar caratê?

Dou uma bufada.

— Não. Coisas úteis, como coragem e gentileza. Inteligência e beleza. O dom de tocar piano.

— Eu já sei tocar piano — comenta Jonah.

— O Bife não conta — retruco.

Ele levanta o queixo.

— Conta, sim.

— Chega — adverte Lottie. — Vocês são muito barulhentos.

Então conto o restante da história aos sussurros e bem perto de Jonah para que Lottie não nos ouça.

— A décima primeira fada tinha acabado de dar seu presente quando a décima terceira fada, que imagino que seja a Lottie, invadiu a festa, bem zangada por ter sido ignorada. Ela disse que tinha um presente para a princesa também: quando a menina fizesse 15 anos, ela espetaria o dedo numa roca e... morreria. — Eu me interrompo, percebendo uma coisa. — Ah. Certo. É esse o nome da coisa pontuda. Roca.

— Esse é o pior presente de aniversário do mundo — sussurra Jonah. O hálito dele tem um cheiro doce. Será que ele não escovou os dentes depois do brigadeiro? Aparentemente, meu irmão precisava de uma lição sobre higiene bucal. Onde eu estava mesmo? Ah, tá.

— Felizmente, a décima segunda fada ainda não tinha dado seu presente. Ela disse que não podia desfazer o feitiço da fada mais velha, porque a décima terceira fada era bem mais velha e muito

poderosa, mas poderia amenizar os efeitos. Em vez de morrer, ela disse que, quando a princesa espetasse o dedo, ela cairia em um sono profundo. Aí, cem anos depois, um príncipe a acordaria. Mas, mesmo assim, o rei e a rainha não queriam que isso acontecesse. Então baniram todas as rocas do reino.

— Nem todas. — Jonah faz um gesto, indicando o objeto na nossa frente.

— Bem lembrado — sussurro em resposta. Então tento esticar as pernas, porque meus pés estão dormentes. — Parece que essa escapou. Enfim. Um dia, quando a Bela Adormecida tinha 15 anos e estava explorando o castelo, ela entrou em uma torre e viu a roca. A princesa espetou o dedo nela sem querer e caiu em sono profundo, assim como todos no castelo. Ninguém cuidava mais do castelo, então ele ficou cercado de videiras e plantas. Cem anos mais tarde, um príncipe atravessou aquilo tudo e encontrou a Bela Adormecida. Ele a beijou, e ela acordou. Todos os outros da família despertaram também. E eles viveram...

— Felizes para sempre — completou Jonah. — Imaginei. E o que você acha que vai acontecer agora? Acha que a Bela Adormecida vai aparecer de repente, espetar acidentalmente o dedo e depois adormecer ao lado de Robin? Essa cama é bem pequena.

— Acho que sim.

Clamp, clamp, clamp.

De repente Lottie se anima.

— Alguém vem subindo as escadas! — exclama Jonah.

— SHHHHH! — sibila Lottie em nossa direção.

— Então, o que a gente faz? — pergunta meu irmão. — Deixamos que ela espete o dedo como deveria acontecer?

— Acho que sim — afirmo. — A história tem um final feliz. Melhor deixar assim.

Clamp, clamp, clamp.

Eu e Jonah nos abaixamos.

A porta se abre e uma adolescente irrompe dentro do quarto. Ela tem o cabelo liso e louro, pele clara, bochechas rosadas e grandes olhos azuis. A menina é alta, mas delicada. E se parece muito com a Bela Adormecida da minha caixinha de joias, só que aqui está acordada. Ela está usando um vestido vermelho acinturado com uma faixa dourada. Também tem uma coroa. E um olhar determinado no rosto.

— Olá! — diz Lottie para a princesa, de um jeito supercasual. O sorriso fingido está de volta e mais falso do que nunca. — Você deve ser a princesa. Entre.

A qualquer instante, a menina vai se aproximar da roca e espetar o dedo sem querer. Assim a história poderá se desenrolar como deve ser. Só teremos que dar um jeito de acordar Robin.

A princesa abre a boca para falar.

E imagino que ela vá dizer algo como “Ah! O que é isso?” ou “Nunca vi isso antes. Talvez deva encostar aqui!”

Mas, em vez disso, ela exclama:

— Finalmente! Uma roca!

— Ahn? — murmura Lottie.

Penso exatamente o mesmo.

A Bela Adormecida ignora Lottie e corre até a engenhoca de costura, parando alguns centímetros antes de alcançá-la.

— Futura vida, futuro príncipe, aqui vou eu — anuncia ela, sonhadora, ao estender a mão para a agulha.

O que quer dizer com isso? Ela *quer* tocar na roca? *Quer* furar o dedo?

— Ai! — grita a princesa quando a agulha fura sua pele. Uma gota de sangue surge.

Lá vamos nós! Fico escondida e espero que ela caia em sono profundo. Aí poderemos nos dedicar ao que interessa: acordar Robin.

Mas continuo esperando.

E espero um pouco mais.

A Bela Adormecida continua lá de pé.

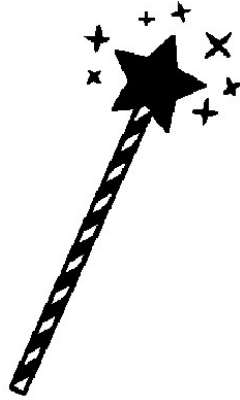
Ela não está apagando. Não está nem bocejando.

Ops.

Já sei o que isso quer dizer.

Estragamos outro conto de fadas.

Capítulo cinco



Ops, de novo

— Era para você ter apagado! — grita Lottie para a princesa, pulando do banco e batendo o pé com força no chão, parecendo bem zangada..

Eu e Jonah trocamos um olhar. Não sei o que fazer. Devo falar alguma coisa ou continuar escondida atrás da cama?

— Também não estou entendendo — diz a Bela Adormecida, esfregando a testa. — Desde o dia que completei 15 anos, tenho procurado uma roca *em todo canto. Todo canto.* Atrás das cadeiras. Nos armários. Embaixo das escadas. Agora, que finalmente encontrei uma, furo o dedo e não durmo profundamente? Como isso é possível? Eu deveria dormir por cem anos e ser acordada pelo príncipe no futuro! — Ela leva o dedo até a agulha e se espetava de novo. — Por quê. Não. Está. Funcionando?!

Achei que ela fosse uma princesa desavisada que vagava pelo sótão e espetava o dedo na roca por acidente!

— Hum. Oi — interfiro finalmente, me levantando do esconderijo. — Não se assuste. Somos apenas duas crianças que por acaso estão de pijama. E também estamos confusos com o que está acontecendo. Você sabe sobre a maldição?

— É claro que sei sobre a maldição! — berra ela, visivelmente irritada demais para dar bola para quem somos. — Meus pais são obcecados por essa maldição! Há anos eles têm me alertado sobre rocas. Não se aproxime delas; não toque nelas; tenha cuidado, pois se espetar o dedo, vai dormir por cem anos e blá-blá-blá. Não param de falar sobre os perigos das rocas.

Eu balanço a cabeça sem acreditar.

— Então por que você encostou numa?

O rosto da princesa fica ainda mais rosado.

— Porque é meu destino! Porque viver daqui a cem anos vai ser incrível. Posso apostar que em cem anos não vai ser preciso subir uma centena de degraus para chegar num sótão. Simplesmente entraremos em uma caixa, apertaremos um botão e seremos levados até o topo!

— Você está descrevendo um elevador — comenta Jonah, levantando também.

A princesa franze a testa.

— Não sei o que é isso. E não entendo quem são vocês dois. Nem você — retruca ela, gesticulando com o dedo furado para Lottie. — Mas sei que um príncipe deveria me acordar. E isso seria apenas o começo. Minha vida ia ser perfeita. — Ela fecha os olhos e uma expressão de dor toma seu rosto.

— O que há de errado com sua vida agora? — questiono. — Você é uma princesa!

— Uma princesa *amaldiçoada* — acrescenta Jonah.

— Ainda assim — continuo. — Existem maldições bem piores. — Então olho de novo para a Bela Adormecida. — Mas tem razão. Seu príncipe iria acordá-la, vocês se casariam e seriam felizes para sempre.

Ela enrugou a testa para mim.

— Como sabe disso? — pergunta a menina. — Você é do futuro?

— Mais ou menos — explico. — Onde eu moro, sabemos sua história de trás para a frente.

Lottie morde o polegar nervosamente.

— Não acredito que não funcionou — murmura ela. — Minha mãe vai enlouquecer.

Hum?

— Quem é sua mãe?

— Carlotta! — responde ela. — A décima terceira fada!

A Bela Adormecida engasga.

— A décima terceira fada!

Quê?

— A mãe de Lottie é a décima terceira fada? — Então ela não é exatamente a vilã. Mas ser a filha de uma vilã meio que dá no mesmo.

— Sim — confirma Lottie. — Sou Carlotta II. Lottie.

— Mas você é tão velha! Quantos anos sua mãe tem? — pergunta Jonah. — Cem anos?

— Não. — Lottie dá uma risadinha baixa e mordisca a unha do dedo mindinho. — Ela tem 70 anos. Desde que se aposentou, eu assumi sua varinha e todas as responsabilidades de fada dela. Inclusive você. — Ela assente na direção da Bela Adormecida. — Isso é terrível. Péssimo de verdade. Preciso contar para minha mãe o que aconteceu imediatamente. Ela vai ficar bem zangada. — Em meio a uma poeira brilhante, Lottie some.

— Espere! — chama a Bela Adormecida, mas já é tarde. — E agora? Por que o feitiço não funcionou?

Eu olho para Robin, então para a Bela Adormecida. Robin está dormindo. A Bela Adormecida está acordada. Dou um pigarro.

— Desculpe. Mas acho que minha amiga Robin usou seu feitiço sem querer.

— Quem? — pergunta a Bela Adormecida, mas logo nota a pessoa deitada na cama, de olhos fechados. — Essa é Robin? Por que ela está dormindo? Quem é ela? E quem são vocês? Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

— Sou Abby — começo, me endireitando. — E esse é meu irmão mais novo, Jonah. É um prazer

conhecê-la.

— Olá — diz Jonah. — Seu nome é realmente Bela Adormecida?

— Não — responde ela, então se senta no banco e afunda. — É princesa Brianna.

Jonah concorda com a cabeça.

— Posso te chamar de Bri?

— Claro — afirma Brianna. — Gostei. Soa quase como...

— Um queijo — digo. Um queijo delicioso e chique, mas, ainda assim, é um queijo.

— Um nome do futuro — conclui ela, com o rosto se iluminando. — Brianna é um nome tão antiquado. E só quero saber do futuro.

— Talvez você deva tentar a roca de novo — sugere Jonah.

A princesa Brianna espeta o dedinho contra a agulha e estremece.

— Esse dedo é bem mais sensível que o outro. E ainda assim não funcionou! — Ela olha irritada para Robin. — Aquela garota usou mesmo meu feitiço?

— Parece que sim — digo timidamente.

Os ombros dela despencam.

— Será que isso significa que ela também vai se casar com meu príncipe?

— Ah, hum, não — respondo. — De jeito nenhum. Ela não pode dormir por cem anos. Precisa acordar. E logo. Temos que voltar para casa. A mãe dela vai buscá-la às dez da manhã.

Dou uma olhada no relógio. Mas então percebo que estou sem ele. Argh. Eu o tirei quando fui me deitar. Não estava esperando passear por reinos esta noite.

— Deixe pra lá. Que horas são *aqui*? — pergunto.

— Um pouco depois do almoço — diz Bri. — Cerca de 12:45.

As horas em casa sempre passam mais lentamente que no reino dos contos de fadas. Quando estivemos no reino de Mostarda, cada hora em casa equivalia a um dia na terra da história.

Humm. Talvez cem anos aqui não seja tanto tempo assim. Talvez um ano aqui seja o equivalente a um dia em casa. Ou talvez um ano aqui seja apenas um minuto em casa. Então cem anos se passariam em cem minutos. Seria menos de duas horas.

— Se ao menos soubéssemos que horas são lá em casa — lamento, suspirando. Olho na direção do sol e para as nuvens. Está ficando escuro lá fora.

— São 00:45 em casa — diz Jonah.

Olho para baixo na direção dele.

— Como sabe?

Ele balança o jogo portátil para mim.

— Isso aqui mostra as horas.

— Espere. Você estava com isso o tempo todo?

Ele confirma com a cabeça.

— Estava preso na calça do meu pijama, entre a barriga e o elástico.

Pego o aparelho e vejo que realmente mostra as horas. 00:47, para ser mais precisa.

— Sorte que não perdeu isso.

Ele bufa.

— É sorte sua que eu sei que horas são.

Devolvo o jogo para ele.

— Se são 12:47 de dia aqui e 12:47 à noite *lá*, então, mesmo tendo doze horas de diferença entre um e outro, o tempo está passando na mesma velocidade.

— Então cem anos aqui serão cem anos lá — afirma Jonah.

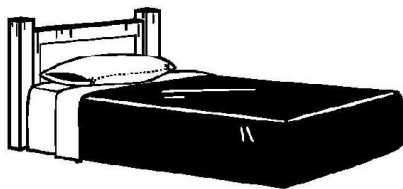
Sinto uma dor no estômago.

— O que vamos fazer? — Eu me viro para Robin e a balanço pelo braço. — ACORDE, ROBIN, ACORDE!

Em vez de acordar, ela solta um ronco baixinho.

E agora?

Capítulo seis



Precisamos de um plano

Está chovendo. MUITO.

A água está batendo na claraboia, fazendo um *cling-clang-clang* alto, e fica difícil pensar com esse barulho todo.

Bri não se moveu do banco. Com o pé, fez a roca girar.

— Não acredito que isso aconteceu.

— Não acredito que isso aconteceu *de novo* — murmuro. — Mas tem uma coisa que eu não entendo: se Robin disparou o feitiço, todos no palácio não deveriam estar dormindo? Era o que deveria ter acontecido.

— Era? — pergunta Bri. E para de rodar a roca. — Minha família também?

Confirmo com a cabeça.

— Ah, isso teria sido ótimo — diz ela, triste. — Eles estariam comigo quando eu acordasse.

Jonah se balança sobre os dedos expostos dos pés.

— Imagine se Lottie nos colocasse para dormir por cem anos. A mamãe e o papai teriam surtado!

Eu me viro para Bri.

— Dormir por cem anos não assusta você?

Ela olha na direção da claraboia, esperançosa.

— Não. Tenho esperado por esse dia desde que nasci. Aqui estou eu — ela faz um gesto indicando o próprio corpo —, aguardando. Esperando que minha vida de verdade comece. E agora, porque sua amiga roubou minha maldição, não vai começar nunca. — Ela suspira. — Nunca poderei ver todas as coisas que ainda não foram inventadas. Como modos de se transportar sem cavalos. Ou um barco que voa. Ou maneiras mais rápidas de enviar mensagens para os amigos.

— Carros, aviões e correio eletrônico — informa Jonah, se agachando no chão.

— Não conheço os dois primeiros — diz ela. — Mas temos correio. Só que não é *eletrônico*. O pai do meu amigo Tom é carteiro. Ele entrega cartas por todo reino.

— Telefones celulares também mandam mensagens para os amigos — explico.

Bri enrugou a testa.

— O que é um telefone celular?

— Algo que eu não tenho — comento, ressentida. — Então imagino que esse lugar não tenha nada de moderno?

— Se por moderno quer dizer carros, aviões, elevadores e telefones celulares, então não — retruca Bri. — De onde vocês são exatamente? — Os olhos dela arregalam. — Realmente parece que são do futuro.

— Tipo isso — digo. — Mas não exatamente.

— Se eu não conseguir chegar em meu futuro, talvez possa voltar com vocês — sugere ela, ansiosa. — Onde vocês vivem existem princesas?

— Em Smithville, não — conto a ela.

— Então deixa — diz ela, voltando a girar a roca.

A chuva bate com ainda mais força na claraboia.

— Por falar em Smithville... — começo. — Precisamos encontrar um espelho ou algum outro objeto mágico que nos leve de volta.

Bri bate o dedão contra a agulha.

— Eu ia sugerir a roca, mas parece que a magia já foi usada.

— Verdade — respondo. — E temos apenas umas nove horas para encontrar o objeto. Vão buscar Robin às dez.

— Pelo menos é fim de semana — comenta Jonah. — Se não fosse, nossos pais nos acordariam às sete.

— É, mas provavelmente vão começar a se perguntar onde estamos se não nos virem ou ouvirem depois de 9h30. — Uma gota de água acerta minha cabeça. Olho para cima. Que maravilha. Agora tem um vazamento no teto.

— Se encontrarmos um portal para casa, podemos carregar Robin de volta, mesmo dormindo — diz meu irmão.

Outra gota cai sobre minha cabeça e a enxugo com a manga da blusa do pijama.

— E depois? Os pais de Robin vão surtar quando não conseguirem acordá-la. Vão achar que ela está em coma! Não, precisamos dar um jeito de acordar Robin aqui. E encontrar um portal mágico. E fazer com que Bri adormeça. — Me sinto sobrecarregada só de falar. Outra gota cai, então me levanto. A cama solta um rangido. — Vamos começar acordando Robin e fazendo Bri dormir.

— Mas como vamos fazer isso? — pergunta Bri.

— Não sei. O que faz alguém dormir?

— Viajar de carro — propõe Jonah. — Sempre durmo no carro.

— E baba também.

— Não babo, não!

— Baba, sim. De todo modo, carros não podem ajudar.

— Deveríamos deixar Robin dormir no chão — diz Jonah. — Assim Bri poderá se deitar. Robin parece estar confortável demais mesmo.

Ele tem razão. Robin parece estar confortável demais. Mesmo naquele pano de chão.

— Jonah, pegue as pernas dela — indico. — Eu e Bri seguramos nos ombros. Pronto? Um. Dois. Três!

Colocamos Robin no chão. Eu me sinto mal, mas é para o bem dela. Como quando tomamos vacina contra gripe.

— Não — diz ela. — Mas estamos a apenas alguns minutos de lá. — Ela fecha os olhos de novo.

— Talvez devêssemos tentar contar tartarugas.

Ela disse tartarugas?

— Quer dizer carneirinhos, né?

Ela balança a cabeça.

— Não, quis dizer tartarugas. Por que alguém contaria carneiros?

— Hum... não sei. Por que são fofos? Se parecem com nuvens. Por que tartarugas?

— Porque elas andam devagar.

Mal não faz.

— Uma tartaruga. Duas tartarugas. Três tartarugas... — Eu me sinto ridícula contando tartarugas, mas pelo menos Bri parece mais calma, então continuo.

Tento imaginá-las. Tartaruguinhas. Tartaruguinhas verdes. Tartaruguinhas lentas.

— Quatro tartarugas. Cinco tartarugas. Seis. — Parece que Bri está cada vez mais relaxada. Está funcionando! A respiração dela está mais lenta também. Balanço a mão em frente a seus olhos e ela não se mexe. Acho que dormiu! Mas eu deveria continuar para que ela durma mais profundamente.

— Sete tartarugas. Oito tartarugas. Nove tartarugas. — Humm. Talvez eu deva deitar um pouco também, não? Estou com os braços meio pesados. — Dez tartarugas. Onze tartarugas. — Eu me enrolo no pé da cama. — Onze tartarugas. — Já disse onze? Acho que sim. Ah. Bom.

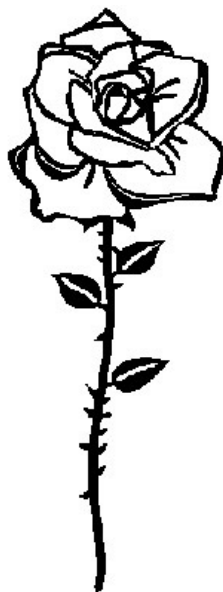
Não vai ter problema se eu fechar os olhos por alguns minutos, vai? Estou cansada. Afinal, estamos no meio da noite.

Olhos. Pesados.

Muito, muito pesados.

Estou tão cansa...

Capítulo sete



Bom dia!

BANG! BANG! BANG!

Meus olhos se abrem. O que está acontecendo? Onde estou?

BANG! BANG! BANG!

Abro os olhos. Jonah está batendo dois potes de cobre bem em cima de mim.

Percebo que estou deitada em uma posição bastante desconfortável na cama, com minha cabeça num ângulo de noventa graus. Bri está dormindo do outro lado. Robin está apagada no chão ao lado. Tudo o que aconteceu passa pela minha cabeça num flash.

— O que você está fazendo? — sussurro para Jonah enquanto abano as mãos freneticamente. — Pare!

— Estou tentando acordar Robin — explica ele.

— Acabei de colocar Bri para dormir — sussurro de volta.

Mas é tarde demais.

Bri está resmungando na cama, de olhos abertos enquanto cobre os ouvidos com as mãos.

— Já se passou cem anos? Chegamos no futuro?

— Não — respondo, arrancando os potes das mãos de Jonah. — Meu irmão estragou nosso plano.

— Mas eu estava dormindo — reclama Bri. — Estava mesmo.

Olho para Jonah.

— Onde estava com a cabeça?

Ele faz uma careta.

— Era para ela apagar por cem anos. Não achei que fosse acordar depois de ter ido dormir. É uma maldição.

— Faz sentido — admito, olhando para minha amiga adormecida. — Acho que nenhum tipo de barulho vai acordar Robin.

— E o que *vai* então? — pergunta Jonah.

Então eu percebo.

— Um príncipe! Um príncipe vai acordá-la! Foi o que a décima segunda fada disse e é o que acontece na história. Um príncipe a beija e é assim que ela acorda. Precisamos achar um príncipe.

— Ótima ideia — afirma meu irmão. — Você conhece algum príncipe?

— Eu? Não. Mas Bri deve conhecer alguns. — Olho de novo para ela. — Vocês não têm bailes com príncipes e princesas por aqui, ou algo assim?

Ela balança a cabeça.

— Tenho amigos que são duques e duquesas. Meus pais acham que me casarei com um dos duques, mas não vou mesmo. Ah, também tenho um amigo plebeu. Tom. Somos amigos desde pequenos. Ele é ótimo. Muito inteligente. E gentil. E engraçado.

— Mas ele não é um príncipe? — pergunto.

— Não.

Suspiro.

— Então ele não pode ajudar.

Bri esfrega a testa com a palma da mão.

— Vocês têm certeza de que uma máscara de dormir não vai me ajudar? Ou talvez jogar água gelada na sua amiga resolva?

Jonah lambe os lábios.

— Por falar em água, estou com sede. Vocês têm refri por aqui?

— Jonah, pode se concentrar, por favor? — peço, então me viro para Bri. — Desculpe. Irmãos mais novos são muito chatos. Além do mais, ele sabe que não pode tomar refrigerante. — Ou refri, como Jonah chama desde que nos mudamos para Smithville. Eu vou continuar chamando de *refrigerante*. Muito obrigada.

— Irmãos mais novos são mesmo chatos — comenta Bri. — Felix é um estorvo na minha vida.

— Quem é Felix? — pergunta Jonah.

— Meu irmão mais novo — explica ela.

— Eu gostaria de ter um irmão mais novo — diz Jonah, com vontade. — Pelo menos ele não ia ficar mandando em mim.

— Não sabia que você tinha um irmão mais novo — falo para Bri. — Achei que fosse difícil para seus pais terem filhos.

— Era. Foi um bebê inesperado. Ele é muito mais novo que eu, tem só 3 anos.

— Ohn! — digo. — Que fofo.

— Ele também teve uma festa com presentes mágicos quando nasceu? — pergunta Jonah.

— Tá brincando? — responde Bri, incrédula. — De jeito nenhum. Meus pais nem deixam as fadas chegarem perto dele depois do que houve comigo.

E então soa um trompete bem alto.

Olho para ver se Robin acordou.

Nada.

— Esse toque do trompete quer dizer que meus pais e meu irmão estão de volta à corte — explica Bri. — Vão servir chá agora, Jonah, se ainda estiver com sede.

— Ele não toma chá — aviso. — Mas pode beber um pouco de leite. — Olho na direção do céu. Ainda está cinzento, mas o barulho de água batendo cessou. — Pelo menos parou de chover.

— Por enquanto — diz Bri. — Em abril chove muito em nosso reino. É melhor a gente ir enquanto está seco.

— Estamos em abril aqui? Em Smithville é novembro! — Acho que não são só as horas que mudam aqui; os meses também são diferentes. — Qual é mesmo o nome desse reino? — pergunto.

— É Catchup? — solta Jonah, esperançoso.

Bri parece confusa e balança a cabeça.

— Não. É o reino da Rosa.

— Como as flores? — pergunto.

Ela assente.

— Rosas são minhas flores favoritas — comento. Posso desenhá-las bem. Basta desenhar pequenos círculos de dentro para fora. Estão entre meus melhores rabiscos. Bem, rosas e martelinhos de juiz.

Ah, como queria que estivéssemos em uma corte criminal.

— Vocês têm muitas rosas por aqui? — questiona Jonah.

Brianna confirma com a cabeça.

— Estão por toda a parte.

— Por *isso* esse cheiro adocicado! — exclamo. Dou uma boa fungada. — É delicioso.

Bri dá de ombros.

— Nem percebo mais. Estou acostumada. Vamos lá arrumar algo para Jonah beber na AbiRosa, como apelidamos o castelo Abadia da Rosa.

— AbiRosa? Meio que parece meu nome! Que legal!

— Antes de irmos, vamos colocar Robin na cama de novo? — pergunto. — Não quero deixá-la largada no chão.

Nós três levantamos Robin e a colocamos na cama. Ela continua dormindo, é claro. Então eu, Bri e Jonah descemos as escadas novamente. Descer é mais fácil do que subir, mas a vista é pior. Como a torre é toda aberta, consigo ver como é alto de onde estamos.

— Onde seus pais estavam? — pergunto a Bri enquanto descemos.

— Em um bazar.

— Por que a família real faria compras em um bazar? — questiono, franzindo o cenho. — As pessoas não vendem coisas usadas lá?

— Sim — afirma Bri. — Meus pais amam coisas usadas. São caçadores de barganhas e consumistas compulsivos.

— Sério? — pergunto. Eu não tinha imaginado um rei e uma rainha exatamente assim.

Bri confirma com a cabeça.

— Eles são obcecados. Olhe lá para baixo. Está vendo tudo aquilo? Potes. Panelas. Copos. Cobertores. Lâmpadas. É o que tem naquelas pilhas todas lá embaixo.

Estou com muito medo de olhar para baixo novamente, mas me lembro de ter visto as pilhas quando chegamos.

— Foi ali que achei os pots — comenta Jonah, alguns degraus atrás de mim.

— Meus pais usam todas as torres para guardar coisas — explica Bri. — Eles têm um interesse particular por utensílios de cozinha. Tigelas, pratos, copos. Também têm obsessão por mercados. E compram toneladas de comida. Temos três despensas cheias na cozinha do palácio.

— Que bom — comemora Jonah. — Porque estou faminto. Posso fazer um lanche também?

— É claro — responde Bri.

— Você gosta de queijo e biscoitos? — pergunta meu irmão. — Tenho certeza de que você gosta de queijo brie. Se existisse uma comida chamada Jonah, eu comeria isso o tempo todo.

Se existisse uma comida chamada Abby, eu ia querer que fosse algo doce. Mas não doce demais. Teria que ter algo que quebrasse o açúcar. Tipo caramelos salgados, talvez? Mas não preciso de uma comida com meu nome. Já tenho um castelo!

— Por que não foi ao bazar com sua família? — pergunto.

Bri chega ao fim da escada e se vira para nos olhar.

— Eu queria tentar achar a roca — explica ela. — Sabia que pelo menos uma devia existir em algum lugar... De todo modo, não quero as velharias dos outros. Por que iria querer? Tudo que eu precisar vai existir no futuro.

— Seus pais não se importaram por você ter ficado em casa? — questiono, me lembrando de que no conto da Bela Adormecida os pais dela eram superprotetores.

Eu e Jonah finalmente chegamos ao pé da escada. Tem mesmo muita coisa por aqui.

Bri manobra o corpo por entre as pilhas.

— Eu disse a eles que não estava me sentindo bem e prometi que ficaria na cama. E isso não teria sido uma mentira se meu plano tivesse funcionado como previsto.

Quando empurramos a porta para sair, uma brisa me alcança. Ah. Está gostoso aqui fora. Alcançamos um caminho que passa por um jardim de rosas.

Tem mesmo rosas por *todo o lado*. Rosas vermelhas, rosas cor-de-rosa, rosas brancas, rosas amareladas, rosas roxas, rosas laranja... existem até rosas amarelo-esverdeadas. O pessoal do reino de Mostarda ia adorar essas. O jardim é dividido em trechos quadrados, com mais ou menos um metro e meio por um metro e meio. Em cada quadrado, há uma rosa de cor diferente.

Eu queria muito estar de sapatos. Não quero pisar em um espinho.

— Nossa, que cheiro doce — reclama Jonah. — Está me deixando enjoado.

— Jonah! — Lanço a ele um olhar de advertência. — Está sendo grosseiro!

— Nem sinto cheiro de nada — diz Bri.

Não sei como ela pode não sentir. O cheiro é bem forte.

— Nunca vi tantas rosas juntas.

— Temos estas rosas desde sempre — explica ela. — Toda a economia do reino gira em torno delas. Produzimos chá de rosas, remédios à base de rosas, geleias de rosas... — A voz dela falha. — Mas se tiverem medo de abelhas, fiquem atentos, pois temos muitas por aqui.

— Quem *não* tem medo de abelhas? — penso em voz alta.

Bri dá de ombros.

— Eu não tenho. São tão pequenas.

Ela é tão valente. Eu gostaria que alguém tivesse *me* dado coragem quando nasci. Provavelmente seria mais útil que o urso de pelúcia gigante que minha tia-avó mandou.

— A corte tem o formato de um diamante — explica Bri. — Há a torre oeste, a torre norte, a torre leste e a torre sul. Ao redor das torres, temos o jardim de rosas, seguido por um portão para segurança. No centro, fica a AbiRosa. Me sigam.

Contornamos a torre e então vejo o palácio. Tem cerca de quatro andares e parece bem quadrado.

É feito de pedra e tem grandes janelas por todo lado. Parece o exterior de um chalé de esqui. Definitivamente é o castelo que menos se parece com um castelo de todos os que já vi.

— Lá está minha família — diz ela, apontando uma carruagem preta em frente à porta do castelo. — Acho que vou até lá dizer que estou me sentindo melhor.

Um homem alto de manto de veludo vermelho e comprido sai da carruagem. Ele usa uma coroa dourada e carrega uma panela wok de prata nos braços.

— Vejam o que conseguimos! — anuncia ele para os três serventes reais, que aguardam sua chegada.

— Que achado, rei Morris! — dizem os serventes em uníssono.

— Aquele é meu pai — explica Bri.

Em seguida, uma mulher sai da carruagem. Também está vestindo um manto de veludo vermelho e uma coroa dourada. Ela está carregando uma tigela de vidro.

— Que achado, rainha Vickie! — cantarolam os serventes.

— Minha mãe — indica Bri.

E, finalmente, um menininho de calças vermelhas e blusa preta pula da carruagem. Há uma pequena coroa em sua cabeça e ele segura uma colher de madeira.

— Que achado, príncipe Felix! — exclamam os serventes.

— Espere aí — digo, parando. — Felix é um príncipe?

Bri concorda com a cabeça.

— É claro que é. Ele é meu irmão. — Ela bate a palma da mão contra a testa. — Ele é um *príncipe!*

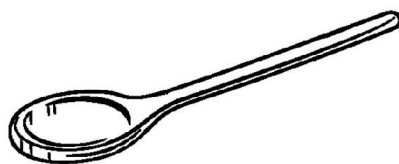
— Ele é um príncipe! — repito.

— Não entendi — diz Jonah. — Sabemos que ele é um príncipe. E daí?

Viro para meu irmão.

— Só precisamos fazer com que ele acorde Robin, aí pelo menos um de nossos problemas vai estar resolvido.

Capítulo oito



Eita

— Brianna! — chama o rei. — Você está acordada! Venha ver o que conseguimos!

— Não diga nada a eles sobre o que aconteceu, combinado? — sussurra Brianna para Jonah e para mim enquanto a seguimos para conhecer seus pais.

— Por que não? — pergunta Jonah.

— Porque eles vão surtar se souberem. Ainda estão muito chateados com a maldição. Por isso são tão obcecados em comprar utensílios de cozinha. Não se perdoam por não terem tido pratos o bastante para convidar todas as fadas. Então simplesmente não digam nada. Prometem?

— Sim — dizemos os dois ao nos aproximarmos da porta de entrada do palácio, onde o rei e a rainha estão parados.

Os dois dão um abraço demorado em Bri. De perto, consigo notar que ela tem os cabelos louros da mãe, assim como o nariz arrebitado, mas os olhos azul-escuros e as bochechas coradas são do pai.

— Sentimos sua falta no bazar! — afirma o rei num tom estrondoso. — Está se sentindo melhor?

Bri assente com a cabeça.

— Bem melhor. Convidei alguns amigos para me fazer companhia. — Ela gesticula em minha direção e na de Jonah. — São plebeus.

Nossa, obrigada.

— Eles gostariam de entrar para tomar um chá? — pergunta a rainha, indicando a porta.

— Você tem refri? — pergunta Jonah.

Dou um cutucão nele com o ombro.

— Nada de refri. Quer dizer, nada de refrigerante!

— Tá — resmunga ele. — Leite?

— É claro — confirma a rainha, entrando no palácio.

Lá dentro é fresco e tudo também cheira a rosas. Meu nariz ainda não se acostumou com esse odor e espero que nunca se acostume.

O piso é coberto por tapetes diversos. E cada espaço na parede é ocupado por quadros, grandes e

pequenos. Cada superfície tem um vaso repleto de buquês de rosas de cores variadas, além de tigelas com pot-pourri de rosas. Há também velas grandes por todo o lado.

— Uau! — exclama Jonah. — Vocês têm muitas coisas.

— Temos mesmo! — comemora a rainha. — Gosta do novo tapete que compramos na semana passada? — Ela aponta para um tapete branco embaixo de uma mesa de centro. — Não é magnífico?

Não sei se eu chamaria isso de *magnífico*. Está mais para *desgrenhado*. Mas assinto mesmo assim.

Não sei bem como, mas o cômodo é maneiro. Tem estilo.

Vendo tudo isso, eu me lembro de que temos *três* coisas a fazer — e não duas. Precisamos acordar Robin e colocar Bri para dormir, mas também temos de encontrar o objeto mágico que nos levará de volta para casa. Às vezes é um espelho, mas também pode ser uma chaminé ou um caldeirão. Esse palácio está cheio de tralha. O objeto pode ser qualquer coisa.

Como já deve ser quase duas da tarde e queremos chegar em casa até 9:30, antes que nossos pais comecem a imaginar onde estamos, temos apenas sete horas e meia para encontrá-lo. Embora, normalmente, o portal surja bem quando estamos prontos para voltar...

Meu coração acelera. Temos muito a fazer. E pouco tempo. Geralmente ficamos nesses contos de fadas por uns dias, pelo menos, e temos apenas duas coisas a resolver. Dessa vez temos só algumas horas e três tarefas. Precisamos começar já. Temos de levar o irmão de Bri até a torre, onde Robin está.

Hummm. Onde está Felix?

O rei e a rainha nos levam até a sala de jantar real. Serventes reais surgem carregando bandejas com doces, assim como um bule grande de chá e leite. Os doces estão realmente bonitos. Um deles está arrumado numa torre fofo com amêndoas e calda de framboesa. Vai ser difícil não perder o foco.

Sentamos à mesa.

Eu me certifico de colocar o guardanapo no colo e gesticulo na direção de Jonah para que ele faça o mesmo.

Meu irmão vira um copo de leite e em seguida pega um bolinho de chocolate.

Pego um doce também. Depois outro. Viajar para a terra dos contos de fadas me deixa com fome.

— Vocês dois vão tirar um cochilo? — pergunta a rainha, bebericando sua xícara de chá com elegância.

— Cochilo? Não, estamos muito velhos para cochilar — respondo, mas então percebo que ela está olhando para nossas roupas.

Estamos de pijama.

Por que sempre estou de pijama quando conheço a realeza? É tão constrangedor.

Estar de sapatos também não seria nada mau.

Ouvimos um barulho alto vindo do outro cômodo.

— Felix? — chama a rainha. — O que está fazendo?

— Não fui eu! — grita de volta uma voz esganiçada.

O rei e a rainha riem.

Bri revira os olhos.

— É claro que foi.

Felix entra correndo na sala e bate direto na mesa.

— Não fui eu de novo! — grita. De perto, ele se parece muito com o rei, porém pequeno. Os mesmos olhos azul-escuros e cabelos espetados.

— Fique onde podemos ver você — ordena o rei.

— Olhe! — diz Felix, dando uma cambalhota para depois subir em uma mesa de apoio. Um vaso

de rosas cai no chão.

Ele se endireita e grita:

— Meninas são nojentas! — E dá um beliscão no braço da irmã.

— Ai! Mãe! Viu isso? — resmunga Bri.

— O quê? — pergunta a rainha. — Seu irmão não é adorável?

Hum... ele não parece tão adorável assim. Se parece mais com um monstrinho. Praticamente me preparo para ver as marcas da derrapagem no chão.

Ele corre pela sala mais algumas vezes antes de subir em uma cadeira.

Todos nós comemos em silêncio. Hummm. Os doces de amêndoa com calda de framboesa são *boooooooooons*. Da próxima vez que der uma festa do pijama, farei isso em vez de brigadeiro.

Depois de alguns minutos, a rainha dobra o guardanapo e o coloca na mesa.

— Bri, fique de olho no seu irmão.

Então o casal real acena para nós e segue para outro cômodo.

Felix se levanta da cadeira e marcha até Jonah.

— Quem é você? — demanda ele.

— Sou Jonah — responde meu irmão, dando um sorriso para o menino.

Felix estreita os olhos.

— Não gosto de dividir as coisas. Você vai pegar meus brinquedos?

O sorriso de Jonah vacila.

— Não.

— Brinque comigo! — Felix dá uma cutucada na lateral do corpo de Jonah com uma colher de pau. — Você tem que brincar comigo!

Meu irmão afasta a cadeira para o lado.

— Pare.

Bri cruza os braços.

— Felix, precisamos de sua ajuda com uma coisa na torre oeste.

Ele pega uma vela apagada da mesa e se deita com o rosto virado para o chão.

— Não.

— Vamos lá, Felix — pede Bri, com um suspiro. — Por favor.

— Não. — Ele vira a cabeça em nossa direção e põe a língua para fora.

E agora? Não posso acreditar que eu achava o Jonah chato. Felix é mil vezes pior e só o conheço há cinco minutos.

— Um por favor bem bonito com uma cereja em cima? — pergunto, com uma voz mais doce que calda de framboesa.

Felix se vira, ficando de barriga para cima, e balança a vela em seus pequenos pés.

— O que você vai me dar?

— Como? — Que ousadia desse menino! E acrescento: — É melhor ter cuidado com essa vela. — Não posso evitar. Uma vez irmã mais velha, sempre irmã mais velha.

Felix me ignora e tenta equilibrar a vela com um pé só.

— Você quer que eu vá com você. Parece que precisa de mim. O que eu ganho?

Bri se levanta e arranca a vela dos pés dele.

— O que você quer?

Ele aponta para Jonah.

— Quero que ele me leve de cavalinho até a torre.

— Quer ir nas costas dele? É isso? — pergunto.

Felix bate o pé no chão.

— Cavalinho! Cavalinho!

— É isso mesmo — confirma Bri.

— Tudo bem — diz Jonah, dando de ombros. Ele se levanta. — Pensando bem, cavalinho faz sentido.

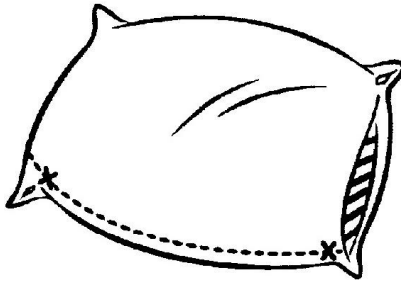
Felix pula nas costas de Jonah em três segundos. Então acerta a cabeça de meu irmão com a colher.

— Vai, cavalinho, vai!

Jonah franze o cenho, mas obedece.

Pocotó, pocotó.

Capítulo nove



Beijo, beijo

Felix insiste que, se quisermos que ele suba, Jonah terá que levá-lo de cavalinho o caminho *todo* até a torre.

São cerca de oitenta degraus.

Na metade, o rosto do meu irmão está da cor de um tomate. Não! De uma rosa vermelha!

— Então agora você sabe como é ter um irmão mais novo — digo a Jonah, rindo.

Ele grunhe em resposta.

— Mais rápido, cavalinho, mais rápido! — ordena Felix.

Eu já conheci alguns príncipes ao atravessar o espelho mágico, mas este é o mais exigente deles.

DE LONGE.

Quando finalmente chegamos ao alto da torre, Felix desce e Jonah desaba contra a parede.

— Acho bom que isso funcione — murmura Jonah.

Felix se joga, dando outra cambalhota.

— Tem uma menina dormindo na cama! — grita ele.

— Sim. Precisamos que você ajude nossa amiga Robin a acordar — explico.

O rosto dele se contorce de horror.

— Nããããããooooo! — berra ele. — De jeito nenhum! Não vou ajudar uma menina!

— Você disse que iria ajudar — lembra Bri. — Foi o acordo. Jonah trouxe você de cavalinho, e agora tem que nos ajudar.

Enquanto isso, meu irmão está esparramado no chão, ofegante.

— Não — repete Felix. — Disse que viria com vocês se ele me trouxesse de cavalinho. Não disse que ajudaria uma menina.

— Jonah vai te levar de cavalinho pelo quarto mais uma vez se você ajudar — sugiro,

cantarolando.

Jonah resmunga:

— Vou?

— Não — diz Felix. — Quero a caixa dele.

— Quer o quê? — pergunto.

— A caixa dele! A caixa que caiu do pijama dele quando ele foi meu cavalinho nas escadas. Eu quero.

— De jeito nenhum — dispara Jonah. — Ele não pode ficar com meu jogo.

— Posso, sim — retruca Felix. — Ou nada de ajuda!

— Mas nós precisamos dele para ver as horas — argumenta Jonah. — Não é, Abby?

— Tecnicamente, não — digo. — Porque sabemos que aqui as horas correm como em casa. E já vi que tem um relógio em cima de uma pilha de pratos lá embaixo.

Jonah lança um olhar de desprezo para mim.

— Me dá — ordena Felix.

Relutante, meu irmão entrega o videogame, reclamando consigo mesmo.

Felix corre até Robin e para bem perto do ouvido dela.

— ACORDA! — grita ele. — ACORDA!

Ela não se mexe.

— Posso beliscar ela? — pergunta Felix.

— Hum... só se for bem de leve — informo.

Ele a belisca, não tão leve assim, no braço.

Ainda assim, Robin não se move.

— Ela não está acordando — comenta ele. — Devo cutucar com minha colher?

Na história, é o beijo do príncipe que finalmente acorda a Bela Adormecida.

— Você pode tentar, hum, dar um beijo rápido na bochecha dela? — sugiro.

Eu me preparo para o grito. Imagino que ele vá se jogar no chão e dar um escândalo. Imagino que vá pedir um milhão de dólares.

Em vez disso, ele se debruça e beija o rosto de Robin com um *smack* bem sonoro.

Bri dá de ombros.

— Ele gosta de beijar.

Esperamos que Robin abra os olhos.

Ela não abre.

— Robin? — chamo. — Está acordada?

Nada.

Argh!

— Não funcionou — digo. — Por que isso não funcionou? Um príncipe tentou acordá-la! Até deu um beijo nela! É o que acontece na história original! Um príncipe beija a Bela Adormecida e ela acorda! — Eu me viro para Bri. — O que a décima segunda fada disse exatamente?

— Que eu seria acordada em cem anos por um príncipe — afirma ela.

— Então, talvez, um príncipe só possa acordá-la *depois* de cem anos — interpreta Jonah, ainda no chão. — Hoje não.

Isso é um problemão. Muito grande. Gigantesco! Não podemos esperar cem anos! Como vamos fazer para acordá-la?

— Só uma coisa pode resolver nosso problema — comento.

— O que é? — pergunta Bri.

Dou um suspiro.

— Mágica. Precisamos falar com uma fada.

— Eu não conheço nenhuma fada — explica Bri. — Além de Lottie. Mas ela sumiu.

— Às vezes bater nas coisas funciona — diz Jonah, batendo na parede. — Alô? Lottie? Está por aqui? Tem alguma fada aqui?

Nenhuma resposta.

— Não podemos sair batendo em *tudo* que há na corte — digo. — O rei e a rainha têm coisas demais.

— Não podemos pedir ao rei e à rainha que entrem em contato com uma fada? — sugere Jonah. — Eles convidaram doze fadas quando você nasceu — lembra ele a Bri. — Provavelmente sabem onde encontrar uma.

Ela balança a cabeça.

— De jeito nenhum. Meus pais nunca me deixarão convidar uma fada para vir aqui. Eles odeiam as fadas desde então.

— Eu odeio as fadas também! — grita Felix sem motivo algum. Depois começa a correr em círculos pelo sótão. Várias e várias vezes.

— Devo impedi-lo? — pergunto a Bri.

A princesa balança a cabeça.

— Ele vai se cansar em algum momento. Deixa.

Ela é tão paciente! Eu não seria calma assim. De repente, me sinto sortuda por ter Jonah. No quesito irmãos mais novos, ele não é tão mau.

— Então com que fada gostaríamos de falar? — reflito. — Com a décima segunda? Foi ela que tentou ajudar você. E foi o feitiço dela que fez Robin dormir.

— O nome dela é Shaznay — diz Bri, mordendo o lábio em seguida. — Sabe de uma coisa, tenho certeza de que meu amigo Tom conseguiria encontrá-la. O pai dele é carteiro, e Tom costumava ajudar com as entregas.

— Vamos dar um alô para ele! — digo.

— Você quer dizer gritar o nome dele pela janela? — pergunta Bri, parecendo confusa. — Ele mora fora do palácio. Não vai conseguir nos ouvir.

— Não, quis dizer dar um telefonema. Mas vocês não têm isso aqui.

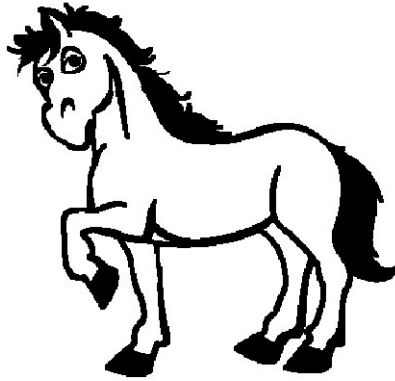
— Ainda não — diz ela. — Mas aposto que terei um em cem anos.

— E como falamos com ele? — penso alto. — Não tem e-mail, não tem telefone. O que fazemos? — Começo a entrar em pânico. Como vamos entrar em contato com Tom?

Bri faz um gesto para que a sigamos escada abaixo.

— Vamos até a casa dele.

Capítulo dez



Todos querem uma casa na árvore

Estamos prestes a ir para a casa de Tom — que mora logo no fim da rua depois da corte — quando um menino aparece no portão do palácio.

— Tom! Oi! — diz Bri, sorrindo. — Exatamente a pessoa que eu queria ver!

Tom tem mais ou menos a mesma idade de Bri, uns 15 anos, e é bem bonitinho. O cabelo dele é castanho-claro e ondulado, e ele tem sardas no nariz.

— Você também é exatamente quem eu queria ver — responde ele com uma risada. — Foi por isso que vim visitar.

— Oi, Tom! — cumprimenta Felix, correndo para cima dele. — Tenho um novo amigo que se chama Jonah! Ele sabe brincar de cavalinho melhor que você!

— Melhor do que eu? Não é possível! — exclama Tom, fingindo estar impressionado. — Ele vai ter que me dar umas aulas.

Jonah fica todo orgulhoso.

— Tom, deixe eu apresentar meus amigos, Abby e Jonah — diz Bri. — Eles também são plebeus!

Tom dá um sorriso.

— É um prazer conhecê-los, amigos plebeus. Deveríamos encomendar blusas plebeias iguais.

Eu e Jonah rimos. Gosto de Tom. Ele é engraçado.

— Tenho boas notícias — informa Bri, com os olhos brilhando. — Encontrei a roca!

Tom fica de queixo caído.

— Onde?

— Na torre oeste! Dá para acreditar?

— Mas... o que houve? Por que não está adormecida? Espere, eu sei! Você tomou chá demais pela manhã?

Ela ri.

— É claro que não. A coisa toda é complicada, mas basicamente outra garota encostou na roca antes e agora é ela quem está dormindo em vez de mim.

— Mas que *ótima* notícia — comemora Tom. — Então você não vai mais dormir? — pergunta ele, esperançoso.

— Eu vou, sim — comenta Bri. — Em algum momento, quero dizer. Só precisamos de uma fada para consertar o feitiço.

Ele fica de queixo caído de novo.

— Então ainda quer dormir por cem anos?

— É claro que quero — confirma ela, dando um aceno. — Não vou desistir tão facilmente! É meu destino. Se eu não dormir por cem anos, nunca vou conhecer meu príncipe.

Tom chuta uma pedrinha com a ponta do sapato.

— É claro, é claro, precisa conhecer seu príncipe. O herói que te salva da maldição. O melhor príncipe de todos — resmunga ele.

— Exatamente — concorda Bri, sem perceber que Tom não parece muito feliz. — Por isso estávamos indo a sua casa. Sabe onde a fada Shaznay vive?

Ele hesita.

— Sim — acaba respondendo.

Bri sorri. Fico impressionada ao perceber que é a primeira vez que a vejo sorrindo desde que a conheci. Por que ela não sorri com mais frequência? Ela está *tão* infeliz assim? Seu sorriso é bonito — eu nem tinha reparado que ela tem uma covinha na bochecha esquerda.

— Pode nos mostrar o caminho? — pede ela.

— Acho que sim — responde Tom, soando bastante infeliz também. Eu entendo: se Robin ou Frankie *quisessem* dormir por cem anos, eu ficaria chateada. Melhores amigos deveriam querer ficar com você, e não nunca mais te ver na vida. — Mas é longe daqui — acrescenta ele. — Vamos precisar de cavalos.

— Vamos até o estábulo — diz Bri, fazendo um gesto para mim, para Jonah e para Tom, mas bloqueando a passagem de Felix logo em seguida. — Você não vai conosco.

Ele faz um beicinho.

— Vou sim. Se não deixar, vou contar pra mamãe e pro papai que você está tentando encontrar Shaznay.

Ela suspira.

— Tudo bem. Você é um pé no saco. Vamos.

O estábulo fica entre as torres sul e oeste.

Bri gesticula na direção das baias.

— Escolham o que quiserem.

Tem uns vinte cavalos lá, todos relinchando e fedendo.

— Hum, Bri? — chamo. — Não é melhor irmos todos no mesmo cavalo? — Foi o que fizemos na história da Branca de Neve. Subimos em um único cavalo gigante que nos levou até os lugares.

Bri sela um dos cavalos.

— Por que faríamos isso? Não. Cada um pega o seu. Sabe montar, não sabe?

— Sim — declara Jonah.

— Não sabe, não — interfiro. — Nós não sabemos.

— Tenho certeza de que não é tão difícil assim — comenta Jonah, ficando na ponta dos pés. E digo isso literalmente, porque ele ainda está sem sapatos, usando só as meias furadas.

— É fácil — diz Bri. — Vocês não têm cavalos em Smithville? Como se locomovem?

— Nossos pais nos levam de carro, que são carruagens sem cavalos. Ou, se estivermos sozinhos, vamos de bicicleta — explica meu irmão.

Bri se inclina, interessada.

— O que é uma bicicleta?

— É um banco em cima de duas rodas. Tem um pedal para que se mova.

— Isso é tão legal — exclama ela. — Eu queria ter uma bicicleta. Tenho certeza de que haverá bicicletas quando eu acordar daqui a cem anos.

Percebo que Tom franze o cenho ao ouvir aquilo.

— Talvez — digo. — Mas, e agora, o que vamos fazer?

— Você vai subir no Pétala — afirma Bri. — É Pétala e não Pedal. Embora talvez devêssemos mudar o nome para que as coisas fiquem mais animadas por aqui.

Eu não sei. Na minha opinião, a vida aqui já é bastante animada.

Bri coloca um banco no chão ao lado de um cavalo e gesticula para que eu suba ali, então ela me ajuda a subir em Pétala/Pedal.

— Se Felix consegue, você também consegue.

Felix já está sobre um cavalo, com a colher de madeira na mão.

— Ele é bem bonzinho — ronrona Bri para Pétala/Pedal.

O ar fica preso em minha garganta enquanto tento me equilibrar.

NÃO TENHA MEDO! E TAMBÉM NÃO CAIA!

Pétala/Pedal não parece tão assustado. Ele é meio bonitinho. O pelo é marrom como chocolate e bastante sedoso. Eu só queria que estivesse mais perto do chão.

Com cuidado — com muito cuidado mesmo —, estendo a mão para acariciá-lo. Ohnnnn. Como é macio!

— Oi, amor — digo. — Você não é tão assustador, né?

— IHH! — relincha ele.

Eu fecho os olhos e grito.

— Vai ficar tudo bem — assegura Bri. — Estou bem aqui do lado.

Devagar, abro os olhos. Todos os demais já estão em seus cavalos, me encarando.

— Pronto — digo, colando um sorriso no rosto. Estou segurando as rédeas com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos.

— Lá vamos nós — chama Tom, liderando o grupo.

Trotamos pelo portão aberto em direção a uma estrada de terra. Passamos por outras casas menores enquanto cavalgamos. A maioria também tem jardins de rosas, mas nenhum deles é tão colorido ou repleto quanto o jardim da corte.

O céu está cinza, mas pelo menos não chove.

Uma abelha zumbe perto de meu ouvido. Não sei ao certo de qual animal tenho mais medo: da abelha ou do cavalo. Um é enorme, o outro é mínimo. Mas ambos são assustadores.

Trinta minutos depois, Tom gesticula para que encostemos junto a grandes árvores.

— Chegamos — anuncia ele, pulando do cavalo.

Graças a Deus. Olho ao redor, mas não vejo uma casa.

Jonah estreita os olhos.

— É uma casa invisível?

— Tenho certeza de que terão casas invisíveis no futuro — diz Bri, alegremente.

— Olhem para cima. — Tom aponta para a folhagem.

Abrigada sobre nossas cabeças e entre os galhos da árvore há uma casa. Uma casa na árvore.

— Ah, uau! — exclama Jonah.

Tenho que concordar. É a casa na árvore mais legal que já vi.

A parede, o piso e o teto da casa são feitos de vidro.

Sim. Vidro!

Podemos ver como é dentro da casa. Identifico duas cadeiras roxas, uma mesa de metal e até algo que se parece com um pufe amarelo.

— Quero morar ali! — comenta Jonah, num tom sonhador.

Bri pula do cavalo.

— Como chegamos lá em cima?

Tom aponta para uma escada de corda que está pendurada na porta.

— Escalamos.

— Legal! — grita Jonah.

— Jonah! Cavalinho! — pede Felix.

Jonah se abaixa.

— Tudo bem, pode subir.

Meu irmão está louco? Acho que sim.

— Jonah, não pode subir uma escada de corda com alguém nas costas! Não é seguro.

Ele ignora minha preocupação.

— Você ouviu o menino. Sou muito bom em ser cavalinho. E não é tão difícil assim, escalo coisas o tempo todo.

Ele realmente escala montanhas com minha mãe nos finais de semana. Mas não faz isso com um menino de 3 anos empoleirado em seu pescoço e batendo nele com uma colher de pau.

— Nada feito — declaro. — Sou a irmã mais velha e eu mando.

— Não é não.

— Sou sim!

— Cavalinho! Cavalinho! — entoa Felix.

— Vou ficar com Felix. — Tom se oferece.

— Tem certeza? — Dou uma olhada na escada de corda. Ela balança com a brisa. — Porque realmente não me importaria de deixar essa passar.

— GAROTAS SÃO NOJENTAS — grita Felix.

Deixa para lá então. Acho que Tom fica e eu subo.

— Me sigam! — chama Jonah, lançando o corpo em direção à escada de corda bamboleante. Antes que eu consiga dizer “Tenha cuidado”, ele está lá em cima, parado numa saliência.

Uma saliência superultrapequena.

Eu gostaria que meu irmão tivesse um capacete. *Eu* gostaria de ter um capacete.

Eu gostaria de ter um paraquedas.

Bri sobe pela escada em seguida e logo chega na borda. Então é minha vez.

Capítulo onze



Podemos ver você

Eu demoro cinco vezes mais que os outros, mas finalmente consigo chegar na borda pequena e estreita. Quando nós três estamos firmes, Bri toca a campainha.

Como a porta é toda de vidro, sabemos que tem alguém lá dentro. Conseguimos ver uma mulher sentada à mesa da cozinha, bebendo uma xícara de chá. Deve ser a tal fada Shaznay. Ela tem mais ou menos a idade de minha mãe, talvez seja um pouco mais nova, e está usando um vestido branco sem alças. Sua pele é moreno-clara e o cabelo castanho está puxado para trás em uma trança embutida.

Ela olha para cima e vê que estamos observando-a.

Uma evidente desvantagem em ter uma casa de vidro é que fica impossível fingir que você não está em casa.

Felizmente, Shaznay parece contente por nos ver e corre para abrir a porta.

— Princesa Brianna — diz ela, calorosa. — Não a vejo desde que era um bebê. Venha, entre. Gostaria de um pouco de chá?

As pessoas no reino da Rosa gostam mesmo de chá.

Ao pisar no chão de vidro, desejo imediatamente estar na escada de corda de novo. Parece que estou pisando no gelo e que ele pode quebrar a qualquer momento. *Não olhe para baixo*, digo para mim mesma. *Não. Olhe. Para. Baixo.*

— Não, obrigada — diz Bri. — Esses são meus amigos plebeus, Abby e Jonah — acrescenta ela. Eu me controlo para não revirar os olhos. — Estamos aqui para pedir ajuda. Você se lembra do

feitiço que lançou quando eu era um bebê? Para que eu não morresse?

— É claro que me lembro — responde Shaznay, sentando-se novamente.

— Não deu muito certo — digo, então seguro a borda da mesa da cozinha caso o chão comece e rachar.

O que não faz muito sentido, pensando bem. Se o chão rachar, a mesa cai também.

— Mas você está viva — observa a fada. — Então alguma coisa funcionou.

Bri concorda com a cabeça.

— Estou viva, mas preciso que você me coloque para dormir. Pode fazer outro feitiço? Precisamos de dois, na verdade.

— Três — corrijo.

— Três feitiços? — resmunga Shaznay. — Serei convidada para alguma ocasião especial? Não concedo *demagentes* sem motivo.

— *Demagentes*? — repito. Será que ouvi bem? Tenho certeza de que essa palavra não existe.

— É uma forma mais fácil de dizer presentes de desejos mágicos — explica Shaznay.

Jonah coça as sobrancelhas.

— Não deveria ser *pre-dese-magi*?

— *Demagentes* soa melhor — insiste ela.

Tenho que concordar.

— Fiz 15 anos há algumas semanas — diz Bri.

Shaznay balança a cabeça.

— Você já teve uma festa com *demagentes*, princesa Brianna. Não pode ter outra. É uma festa *demagente* por pessoa. É a lei. Então, a não ser que mais alguém esteja fazendo aniversário, acho que não posso ajudar.

Preciso fazer alguma coisa.

— É aniversário de Jonah também! — solto.

Meu irmão parece surpreso.

— É?

Dou uma cutucada nele com o cotovelo.

— É! — Ou vai ser, em julho. Infelizmente não estamos em julho em Smithville *nem* em Rosa no momento.

Ele confirma com a cabeça.

— Isso mesmo! Estou fazendo...

Imagino que ele vá dizer 8 anos.

— Dez anos.

Reviro os olhos. Dez anos? Eu tenho 10 anos! Jonah tem *sete*. Shaznay nunca vai acreditar que ele está fazendo 10 anos! Ninguém acreditaria que temos a mesma idade! Não é mesmo? NÃO É?!

— Parabéns — congratula Shaznay com um sorriso. — Dez anos é uma idade maravilhosa.

Sério? Ela acredita nele? Nós parecemos gêmeos? Não, não parecemos, não.

Espera. Shaznay não sabe que tenho 10 anos. Talvez ache que sou mais velha. Que tenho, tipo, 11 anos. Ou talvez 12. Sim, deve ser isso.

— Você vai fazer uma festa? — pergunta a fada.

— Sim — respondo rapidamente. — Ele vai. Hoje. Você pode ir?

— Eu adoraria. A que horas devo chegar?

— Hum... — Olho na direção de Bri.

Ela dá de ombros, com os olhos arregalados.

— Seis?

Isso nos dá algum tempo para aprontar tudo.

— Até mais então — digo.

— Ótimo — comemora Shaznay. — Que outras fadas vocês vão convidar?

— Hum. Você é nossa preferida, então vamos convidar apenas você — responde Bri.

Shaznay sorri de novo.

— Que gentileza, mas precisam convidar mais fadas se quiserem três *demagentes*. Eu só concedo um por aniversariante.

— Não pode abrir uma exceção? — pergunto.

Ela balança a cabeça, triste.

— Se eu abrir uma exceção para vocês, terei que abrir para todos os outros, não é mesmo?

— Pensei que ela fosse a fada legal — sussurra Jonah.

— Pelo visto teremos que chamar mais fadas para a festa — comento.

Os olhos de Shaznay se iluminam.

— Fantástico! Não vejo as outras fadas há algum tempo. Ninguém mais fez uma festa de *demagentes* desde o que aconteceu com a princesa Brianna. — Ela se inclina para perto e baixa o tom de voz. — Vão convidar a Carlotta dessa vez?

Fico paralisada. Carlotta não é a mãe de Lottie? Não foi ela que lançou o feitiço que quase *matou* Bri?

— De jeito nenhum — retruca Bri. — Ela é maligna.

— Não temos que a convidar. Ela se aposentou — afirmo, sentindo um alívio. — Mas a gente deveria convidar a filha dela. Não queremos chatear ninguém.

— Não sei não — considera Bri. — Ela não foi muito prestativa hoje mais cedo.

— Não podemos *não* a convidar — digo. — Lembra o que acontece quando nem todo mundo é convidado? — Faço uma mímica espetando o dedo e depois desmaiando. — Acho que devemos convidar todas as treze fadas.

— Pelo menos eles têm pratos de sobra dessa vez — declara Jonah.

— Eles têm pratos para receber o reino inteiro. — Dou uma bufada. — Ei, Shaznay, tenho uma pergunta. Vocês são obrigadas a nos conceder os *demagentes* que pedimos?

Ela toma um gole demorado de chá.

— Não *temos* que fazer nada.

— Então poderíamos ganhar treze *demagentes* que nem mesmo queremos? — pergunto. Isso não resolveria nenhum de nossos problemas.

— Sugiro que Jonah faça uma *demagista* — diz Shaznay.

— Uma o quê? — pergunto.

— Uma lista de desejos mágicos — explica ela.

— Como assim? — quer saber Jonah.

Eu me viro para ele para explicar.

— Você se lembra de quando a tia Jen se casou e vimos a lista online do casamento e compramos uma máquina de fazer sorvete para ela? Ela tinha escolhido um monte de coisas que queria ganhar. É como uma lista de desejos.

— Exatamente — confirma Shaznay. — Simplesmente faça uma *demagista* em um pedaço de papel e deixe-a perto da comida na festa. As fadas vão dar uma olhada e decidir o que querem dar para você.

— Eu gostaria de ter tido a chance de fazer uma lista — diz Bri, melancólica.

— Seus pais fizeram uma — comenta Shaznay. — E você ganhou tudo que estava lá. Definitivamente é uma princesa de sorte. Bom, com exceção do que eu ia dar para você antes de ter que mudar meu *demagente*.

— O que você ia me dar? — indaga Bri.

Shaznay sorri com tristeza.

— Felicidade.

Bri pisca uma vez. E então outra.

Não consigo deixar de me sentir mal por ela. Bri tem tudo que qualquer garota gostaria de ter — inteligência, coragem, beleza e sabe até tocar piano —, mas é infeliz. Talvez possa ser feliz no futuro?

— Vamos lá — digo por fim. — Temos que preparar uma festa.

Bri, Jonah e eu nos despedimos de Shaznay com um aceno, então descemos pela escada de corda. Dessa vez, juntos.

Cutuco meu irmão com o pé.

— Você vai fazer 10 anos, Jonah? É sério?

— Por que não? — retruca ele, se movendo enquanto desce. — Eu poderia ter 10 anos. Veja o que posso fazer! — Ele se segura na corda com uma das mãos e balança.

— Pare, Jonah! Pode pelo menos fingir que tem 10 anos? — Pela minha vida, estou segurando com força.

Bri chega primeiro no chão.

— Não sei como daremos uma festa. Meus pais nunca vão deixar.

— Por que não? — pergunta Jonah. — É meu aniversário de 10 anos!

— Não é — murmuro.

— Você que disse que era! — retruca Jonah.

— Talvez consigamos fazer com que seus pais saiam da *corte* — digo. Ponho ênfase em *corte* porque... bem, porque eu gosto da palavra. *Vamos para a corte! Leve-me até a corte! Chegarei atrasada na corte!* Se eu ao menos tivesse uma toga e um martelinho, aí eu realmente mandaria em tudo. A escada de corda balança e volto à realidade num instante. Não é hora para fantasias de juíza.

— Como vamos fazer isso? — pergunta Jonah, alcançando o chão.

Eu sou a única que continua na escada. Mais dois degraus... estou quase lá... por que esse conto de fadas envolve tanta escalada, hein? Eu esperaria algo assim se estivéssemos na história da Rapunzel, não na da Bela Adormecida. Não deveríamos estar descansando e tirando mais cochilos?

Enfim.

— Podemos mandar seus pais para outro bazar — sugiro, chegando no fim da escada e sentindo o chão sob meus pés. E, quando digo pés, me refiro a meias bastante sujas. Meus batimentos cardíacos voltam ao normal.

— E se não tiver nenhum bazar hoje? — pergunta Bri.

— A gente pode inventar um — diz Jonah.

— Jonah, quando ficou tão esperto? — questiono. — Quer mandar os pais de Bri para o meio do nada?

Meu irmão dá um sorrisinho.

— Exatamente.

Bri concorda com a cabeça.

— Teria que ser em um lugar bem distante. Assim eles não voltam muito rapidamente.

— É melhor nos apressarmos — chama Tom. — Vai começar a chover logo. — Ele e Felix já

estão nos cavalos, esperando por nós. Felix, na verdade, está sentado de lado, o que não deve ser seguro.

Uma gota de água cai em minha cabeça. E mais uma.

É uma pena que a Bela Adormecida não conheça a Mary Poppins. Seria bom ter um guarda-chuva agora.

Capítulo doze



Preparando a festa

Às 4 horas — 4 da tarde no reino da Rosa e 4 da manhã em Smithville —, os preparativos da festa estão com tudo.

Estamos todos superocupados, pois as fadas vão chegar em duas horas.

Por sorte não choveu, então nossas roupas estão secas. Também por sorte não tivemos que comprar nada para a festa. Graças ao rei e à rainha, a corte está cheia de coisas. Decoração, papéis, comida... tudo que queremos — eles têm. A despensa parece uma loja de departamentos.

Não ter tido que fazer compras nos deu tempo para fazer outras coisas. Por enquanto:

- Fizemos um flyer para o rei e a rainha sobre um bazar LIQUIDAÇÃO TOTAL do outro lado do reino e o colocamos por baixo da porta do quarto deles.
- Fizemos treze convites de aniversário para a festa de, hum, 10 anos de Jonah.
- Mandamos Tom entregar os convites.
- Decidimos fazer a festa no térreo da torre oeste, no lugar onde chegamos pelo espelho. Assim os serventes reais não vão ver o que está acontecendo.
- Enchemos cinquenta balões azuis e verdes.

- Encontramos mais cinquenta balões depois que Felix estourou os primeiros.
- Pegamos cadeiras, mesas, toalhas de mesa, guardanapos, pratos, xícaras de chá, talheres e vasos das pilhas de coisas ao redor.
- Levamos as mesas, cadeiras, vasos, potes e outras TRALHAS para a torre norte.
- Varremos o chão.
- Colhemos rosas de diferentes cores do jardim e as arrumamos em vasos pelo salão.
- Pegamos da cozinha chá, leite, açúcar, pão, atum, maionese, queijo, pepino (vamos fazer sanduíches para acompanhar o chá, claro), aipo, cenoura, pastinha, bolo de chocolate e aqueles doces deliciosos de framboesa e levamos para a torre sem que fôssemos notados.

Enquanto Bri e eu preparamos tudo e Tom entrega os convites, Felix dá saltos mortais, Robin continua dormindo e Jonah prepara a *demagista* dele sentado na escada.

Ele gira um lápis entre os dedos.

— Não acredito que posso pedir treze coisas mágicas! Esse é o melhor dia de minha vida!

— Pera lá — digo, dando um nó no balão que acabei de encher. — Precisamos de alguns desses *demagentes*. Deve pedir três coisas das quais precisamos. Aí você ganha os outros nove.

— Ainda assim! Nove *demagentes* são mais *demagentes* do que eu tinha hoje de manhã. Ou em qualquer momento da vida.

Humm. Talvez seja arriscado deixar Jonah fazer sua própria *demagista*. Talvez eu devesse fazer a lista para ele. Só para ter certeza de que ele não vai pedir nada louco. Como um crocodilo que luta caratê. Talvez meu irmão devesse pedir um celular.

Jonah continua escrevendo.

— O que está escrevendo, exatamente? — Olho por cima do ombro dele.

Número 1: Acordar Robin.

Número 2: Colocar Bri para dormir por cem anos até que ela seja despertada por um príncipe.

Número 3: Criar um portal mágico para que a gente possa voltar para Smithville.

Número 4: Criar um crocodilo que luta caratê.

Sabia! Tento arrancar o papel dele.

— Jonah, não pode ganhar um crocodilo que luta caratê. Onde ele vai morar?

— Com a gente!

— Vai levar um crocodilo de volta com a gente para Smithville? Ele vai dormir na banheira?

— Não caberia na banheira. — Meu irmão coça a cabeça com o lápis. — Talvez eu devesse pedir uma piscina também.

— Jonah, por favor, seja realista. Escreva coisas que não vão comer a gente.

— Tipo uma caneta que esguicha catchup?

— Hum... OK. Pode ser. Mas não sei bem por que você iria querer isso.

— Quem não iria querer isso? Ah! Que tal um cachorrinho?

Ahhhhh. Sempre quis um cachorrinho. Se eu tivesse um cachorro, deixaria que ele — ou ela — dormisse em meu travesseiro toda noite. Mas meus pais sempre disseram não quando pedi um bicho de estimação. Dizem que dá muito trabalho.

— A mamãe e o papai nunca deixariam a gente ficar com um filhote — argumento.

— Deixariam se fosse fofo — retruca Jonah. — É mágico. O que ele deveria conseguir fazer?

— Supermercado? — sugiro. Talvez isso conquiste meus pais.

— Tomar conta de irmãos mais novos? — comenta Bri enquanto dá um nó no balão.

— Voa! — diz Felix, que está pulando de uma cadeira para a outra pelo salão.

— Sim! — exclama Jonah. — Que voe!

— É um pássaro, é um avião, é o Supercão — brinco.

Jonah ri num tom agudo.

— Supercão! Irado! Eu podia comprar uma roupinha para ele com um S. — O queixo dele cai,

então ele escreve no papel. — Vou desejar que eu possa voar também!

— SuperJonah? — pergunto.

— Exatamente! SuperJonah. — Ele sobe em uma cadeira, abre os braços e pula, aí pousa com um

baque.

Será que isso pode acontecer mesmo? O que vou fazer se Jonah começar a voar pela casa? Ele sempre vai conseguir ver o que quer na TV, porque vai chegar mais rápido no controle. Estou começando a ficar com um pouco de inveja. Também quero poder voar.

— Além disso — continua Jonah —, quero ser mais alto.

— De que altura? — pergunta Felix.

— Um gigante! — Ele reconsidera. — Ou não. Quero poder morar em minha casa. Só quero ser mais alto do que a Abby.

Dou um peteleco no ombro dele.

— Primeiro temos a mesma idade e agora você é mais alto? Por que não simplesmente deseja ter nascido primeiro e pronto?

Ele arregala os olhos.

— Que ótima ideia!

— DE JEITO NENHUM. — Este é meu limite. Claro que seria maneiro ter um irmão mais velho. Mas esse irmão mais velho NÃO pode ser o Jonah.

— Quero ser mais alto! — grita Felix, batendo os pés na cadeira. — Quero um cachorrinho que voe! Quero um crocodilo que lute caratê! Quero ser o SuperFelix!

— Azar o seu — declara Jonah. — A festa não é sua. Você não tem direito a *demagentes*.

— Injusto! — choraminga ele. — Quero um *demagente*! Se não me der um, vou contar pra mamãe e pro papai!

— Tem certeza de que não quer colocar “ganhar um irmão mais novo” na *demagista*? — pergunto a Jonah.

Ele balança a cabeça.

— De jeito nenhum. Irmãos mais novos são tão chatos.

Eu rio e bagunço o cabelo dele. Rá. Caso encerrado.

— EU QUERO UM DEMAGENTE! — repete Felix.

— OK — responde Jonah. — Você pode pôr uma coisa em minha *demagista*. Mas só uma.

Felix sorri.

— Quero que você fique aqui. Você é legal.

Meu irmão tosse.

— Menos isso.

— Então quero um crocodilo que luta caratê.

— Tudo bem — concorda Bri. — A gente pode deixá-lo no fosso.

Vejo Jonah escrever, *Um crocodilo que luta caratê para Felix*. Percebo por seu olhar que está com

inveja, mas ele não muda a *demagista*.

A porta se abre e prendo a respiração. E se for o rei ou a rainha? Será que vão mandar a gente parar?

Mas não são eles.

É Tom.

— Tudo entregue — anuncia ele, sorrindo, mas com o olhar meio triste.

— Ótimo — respondo. — Acho que está quase tudo pronto aqui também. Só vou dar uma passada lá em cima para ver como Robin está.

Subo todas as escadas e abro a porta.

E então percebo o problema.

Robin sumiu.

Capítulo treze



Como perder um amigo

— Ela sumiu! — grito ao descer as escadas. Meu coração está a mil por hora. Nunca deveria tê-la deixado sozinha! É tudo minha culpa!

— Mas aonde ela pode ter ido? — pergunta Tom.

— Talvez tenha acordado — comenta Jonah.

Respiro fundo.

— Temos que encontrar Robin. Agora.

Ou ela acordou enquanto não estávamos por perto e entrou em pânico ou saiu andando sonâmbula por aí. De um modo ou de outro, pode estar em qualquer lugar. Meu coração continua martelando.

— E se aconteceu alguma coisa com ela? — murmuro. — E se estiver na estrada e for de encontro a um cavalo? E se tiver vagado até o fosso e se afogado? Alguém procura comigo!

Bri afaga meu braço, tentando ser solidária.

— Vamos encontrá-la, prometo. E chamamos de fosso, mas na verdade é só um lago rasinho atrás da torre leste. Os portões devem mantê-la dentro dos limites do palácio. Vamos todos procurar — diz ela.

Ufaaaa. Robin não deve ter ido muito longe então.

Nos separamos. Tom e os meninos vão começar pelos estábulos, depois vão verificar as torres norte e sul, enquanto eu e Brianna vamos ver o fosso, a torre leste e o palácio.

Assim que saímos pela porta da torre, sinto o cheiro das rosas.

— Realmente não consegue sentir esse cheiro? — pergunto a Bri.

Ela balança a cabeça.

— Nadinha.

— Que coisa triste — lamento. — É incrível. Podemos verificar o fosso primeiro?

— É claro — responde.

O fosso está mais para uma poça que para um lago.

— Não tenho certeza se um crocodilo que luta caratê caberia aqui — aviso, com cuidado para não parecer que estou fazendo julgamento.

Entendeu? Fazendo *juízo*?

— Provavelmente tem razão — concorda Bri. — Vou pedir que Jonah troque para um crocodilo pequeno. Ou um crocodilozinho miniatura mesmo.

— Vamos dar uma olhada na torre leste então — peço.

— Vamos subir — diz Bri. — Em vez de um sótão, essa torre tem um terraço na cobertura. Talvez a gente consiga ver Robin no jardim por lá.

Acho que isso significa que teremos que subir mais uns quinze andares de escada. Oba. Só que não. Mas quando finalmente chegamos na cobertura, a vista tira meu fôlego. O jardim de rosas parece uma colcha de retalhos multicolorida ao redor. À distância, avistamos montanhas cobertas de neve.

— Você vem aqui de vez em quando para olhar isso tudo e pensar na vida? — pergunto.

— Não — responde ela, dando de ombros. — Mas talvez devesse. É bonito.

— Bonito? Não é apenas bonito. É maravilhoso. — Bri é tão estranha. É como se fosse imune a coisas que podem te deixar feliz. Eu gostaria que vendessem cartões-postais da vista daquelas montanhas para que eu pudesse mostrar para a mamãe e para o papai. Mas aí talvez eu tivesse que explicar onde estava.

— Acho que tem razão — comenta ela. — Eu deveria subir aqui mais vezes. — Mas, pelo tom de voz, não parece que acredita muito nisso.

— Vamos continuar procurando — digo.

Em seguida vasculhamos o palácio. Embora tivéssemos acabado de passar pela cozinha e pela despensa quando fomos pegar coisas para festa, olhamos tudo de novo, porque Robin podia estar em movimento. Então seguimos para as pilhas de livros na biblioteca e depois para o salão de baile, que é também onde ficam uma harpa, uma bateria e outros instrumentos musicais. Nada de Robin.

— Seu castelo é bem legal — elogio. Sou viajada quando se trata de terras mágicas. A essa altura, já vi muitos palácios. Os reinos de Zamel, Flom e Mostarda todos tinham castelos, mas gosto mais desse. Claro que tem livros, vasos, velas e retratos em toda a parte, mas a confusão e a bagunça fazem da AbiRosa um lugar único e acolhedor. Como se aquelas coisas precisassem estar ali. Além disso, embora seja meio bagunçado, o chão continua reluzindo e as janelas brilhando de tão limpas. E o cheiro é TÃO bom.

Bri dá de ombros de novo.

— É OK.

— Não é simplesmente OK! — comento. — Você deveria apreciar o que tem *agora*. Sabe-se lá como vai estar depois de cem anos sem ninguém tomando conta? Acho que não vai estar tão bonito assim.

Ela parece confusa.

— E por que ninguém tomaria conta daqui?

— Não te contei? Assim que você adormece, todos no palácio adormecem também. Seus pais. Os cozinheiros. Os empregados. Todos que trabalham na corte. O palácio meio que fica deserto depois

disso. Está tudo totalmente caótico quando o príncipe chega.

— Ah, tá. — Ela morde o lábio. — Espero que consigamos limpar tudo.

— Talvez. Não me lembro do que acontece em relação a isso.

— Acho que devemos dar uma olhada nos quartos — sugere ela e me guia pelas escadas. Bri hesita em um degrau. — O Tom adormece também?

— A história não menciona ele especificamente. Só fala da família e das pessoas que trabalham no castelo. Não há nada em relação a amigos.

Ela franze o cenho.

— Que pena.

— Mas talvez não haja motivo para se preocupar com o castelo — reflito. — O feitiço foi ativado quando Robin encostou o cotovelo na roca, não foi? E ninguém mais adormeceu. Então talvez só você mesmo vá adormecer.

Bri fica pálida.

— E o que acontece com minha família então?

Não é óbvio?

— Eles continuam acordados.

— E nunca mais me veem?

— Veem. Veem você dormindo. Mas acho que você não os vê de novo.

Ela funga e franze a sobrancelha.

— Que triste.

É *muito* triste mesmo. Meu coração fica apertado só de pensar naquilo. Não posso nem imaginar como seria não ver minha família de novo. É muito horrível.

De repente, me pergunto se dormir por cem anos seria mesmo o melhor destino para Bri.

Talvez tenha sido *bom* bagunçarmos a história dela.

— Você não tem que fazer isso, Bri — explico. — Não precisa adormecer. Pode ficar acordada. E viver no presente.

Ela fecha os olhos, respirando fundo.

Há o ruído de um relógio soando as horas de algum lugar lá embaixo, então ela abre os olhos.

— Não. Terei saudades de minha família e meus amigos, mas o príncipe é meu destino. Ele vai me transformar na garota mais feliz do mundo. Vamos nos casar. Você mesma disse. O futuro vai me fazer feliz. — Ela aponta para o corredor. — Vamos ver meu quarto.

Ela abre a porta para o mais perfeito quarto de princesa que já vi. As paredes são pintadas com um tom amarelo-claro e o carpete é branco salpicado de dourado. À direita, há o que parece ser um closet gigantesco. Logo em frente, tem uma grande janela saliente. Diante disso, uma cama de dossel. Um vaso de rosas amarelas repousa sobre uma penteadeira.

Na cama, dormindo profundamente, está Robin.

Vivaaaa! Corro até minha amiga adormecida para dar um abraço nela.

— Acho que ela *realmente* veio até aqui sonâmbula.

Os olhos de Bri se arregalam de espanto.

— Ela está coberta e tudo! Conseguir fazer isso tudo dormindo?

Eu confirmo com a cabeça, me sentindo estranhamente orgulhosa.

— Ela desceu todas aquelas escadas também, que são bem escorregadias. É muito talentosa.

Bri se aproxima de nós.

— Vamos deixá-la aqui até que uma das fadas consiga reverter o feitiço?

— De jeito nenhum. Não quero que ela saia andando sonâmbula por aí de novo. Você tem um

carrinho de mão ou algo parecido? Mas, antes... — Faço um gesto, indicando minhas roupas. — Posso pegar um vestido emprestado e sapatos para usar na festa? Não tenho nada além desse pijama e meias.

Bri me leva até seu armário.

— É claro. Pode pegar o que quiser.

Há pelos menos uns cem vestidos pendurados lá. De cetim, de renda, de veludo, vermelhos, azuis, pretos... com faixas, babados e pregas. O tipo de vestido que imaginar, ela tem. Estão organizados por cor. Parece que estou parada dentro de uma caixa nova de lápis de cor.

— Que incrível — suspiro.

— O que foi? — pergunta Bri, procurando por algo que possa me servir.

— Seu closet!

— É OK — comenta ela, dando de ombros.

Não aguento mais aquilo.

— Não! Não é OK! É o closet dos sonhos. Não percebe o quanto é sortuda? Não estou dizendo que vestidos são as coisas mais importantes do mundo, mas precisa ao menos admitir que tem coisas muito maravilhosas! Peraí... isso aqui é uma parede só de tiaras?

Ela assente.

— É. Pode pegar uma, se quiser. Quase nunca as uso.

— Como pode não as usar? São tão brilhantes!

Ela dá de ombros de novo.

— Sei lá.

— Você é maluca, sabia? — declaro. Ela tem todas essas coisas maravilhosas, mas não dá valor para nada daquilo.

— Esse deve servir — comenta Bri, me entregando um vestido azul na altura dos joelhos, com um corpete. Eu visto a roupa e amarro bem justo para não ficar sobrando. As sandálias brancas que ela me empresta são muito grandes, mas quebram o galho. Enquanto isso, Bri coloca um belo vestido de baile cor-de-rosa e sapatos de salto combinando.

De repente, ouvimos vozes do lado de fora da porta.

— Acho que estou cansado demais para ir em outro bazar — diz o rei.

— Eu também — responde a rainha. — Vamos ficar em casa hoje e relaxar.

Ah, não!

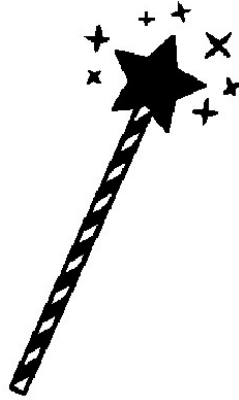
— Como vamos dar a festa com eles em casa? A torre fica a apenas alguns metros da AbiRosa — digo. — Teremos que cancelar?

— Tarde demais agora — afirma Bri. — São quase seis da tarde. Teremos que tentar não fazer muito barulho e torcer para que eles não apareçam. Vamos andando. — Bri pega Robin, jogando o corpo dela por cima do ombro, e se apressa escada abaixo.

— Uau. Você é forte — comento.

— Eu sei — diz ela. — Força foi um dos meus *demagentes*.

Capítulo catorze



Hora da festa

Bri, Jonah, Felix, Tom e eu estamos parados no andar térreo da torre (o salão de festas agora). Esperando.

Bem, Felix está dando cambalhotas e saltos, mas o restante de nós está só de pé mesmo.

A decoração está feita. A comida está na mesa. Robin voltou para a cama. Estamos prontos.

Dou uma olhada no relógio.

— Falta um minuto para seis horas! Quando acham que as fadas vão começar a aparecer?

— Fadas são muito pontuais — afirma Tom. — Porque não precisam percorrer uma distância longa.

No segundo em que o relógio chega no seis, lufadas brilhantes começam a surgir pelo salão. *Puf! Puf! Puf!*

Cada lufada produz um ruído superalto. E juntos soam como fogos de artifício.

Treze mulheres aparecem na torre, inclusive Shaznay e Lottie.

Elas não se parecem com fadas. Parecem mulheres normais. Ou quase. Todas têm alguma coisa um pouco esquisita. Uma tem o cabelo bem azul amontoado no topo da cabeça. Outra está de salto plataforma, que tem mais de 30 centímetros — e parece uma perna de pau. Uma fada é tão baixinha que provavelmente poderia usar minhas roupas, e eu só tenho 10 anos.

Bem, não só 10 anos. Dez é bastante. Dou uma olhada irritada na direção de Jonah. É bem mais que 7 anos.

Assim que as faíscas desaparecem, todas as fadas começam a dar gritinhos e se abraçam. Com

exceção de Lottie, que está parada, sozinha, perto da porta, parecendo triste e solitária.

— Michelle! Como vai você?

— Não te vejo há séculos!

— Você está fantástica!

— Claire, onde tem se escondido?!

As vozes das fadas enchem o salão. A falsa festa de aniversário de 10 anos de Jonah é nitidamente um reencontro de fadas.

— Onde está o aniversariante? — pergunta a fada chamada Michelle por fim.

— Aqui! — responde Jonah, balançando os braços. — Estou fazendo 10 anos!

Reviro os olhos para ele, que evita meu olhar.

A fada de plataforma alta dá um beliscão na bochecha dele.

— Parabéns!

— Feliz 10 anos! — declara a de cabelo azul. Jonah sorri, enrubescendo um pouco. Ah, por favor. Ele está adorando essa atenção toda.

— Dez é a melhor idade! — grita Shaznay.

— E você deve ser a irmã dele — comenta a fada pequenininha.

Confirmo com a cabeça, me animando.

— Quantos anos *you* tem?

— Tenho d-doze — minto. Bem, por que não? Se ele pode dizer que tem 10 anos, eu posso ter 12.

Do outro lado do salão, Bri está servindo o chá, e Tom está andando com uma bandeja de sanduíches.

As fadas voam, comem, bebem e verificam a *demagista*.

— Lottie não parece feliz — sussurra Jonah para mim.

Ela está parada no celeiro com a cara visivelmente fechada. Qual o problema dela? Nós a convidamos, não foi? Os lábios estão retorcidos como se tivesse chupado um limão, e os braços estão cruzados com firmeza sobre o peito.

Ela não está abraçando nem conversando com ninguém.

Talvez não goste de chá e sanduíches.

— Acha que devemos ir falar com ela? — pergunto.

Jonah balança a cabeça com veemência.

— Não! E se ela jogar um feitiço malvado em cima de mim?

— Ela vai colocar um feitiço *em* você em algum momento. Então é melhor sermos gentis com ela agora. Vamos até lá dizer oi. Ela não parece conhecer ninguém... talvez fique feliz em ter alguém para conversar. Aposto que não é tão má assim. — Caminho até Lottie.

— Oi, Lottie — cumprimento.

— Oi — responde ela de mau humor.

— Então... já viu a *demagista* do Jonah? — pergunto.

— Vi — afirma simplesmente. — Mas não gosto de dar presentes da *demagista* de cada um. É muito *impessoal*.

— Tuuuuudo bem — digo. — Mas é para isso que as pessoas criam a *demagista*, né? Para que os outros não precisem adivinhar o que elas querem. Assim as pessoas ganham coisas de que realmente precisam.

— Ah, ele precisa do que eu vou dar, sim. Espere e verá. — Em seguida, Lottie solta uma gargalhada.

Ops. Respiro bem fundo. *Que não seja uma maldição, que não seja uma maldição*, peço

mentalmente.

Neste momento, Felix vem correndo pela sala. Grande parte das fadas vê que ele está vindo e sai do caminho, mas Lottie não. Felix dá uma pancada nela com força.

Ela grita.

Prendo a respiração.

— Não fui eu! — grita ele.

Lottie estreita o olhar e levanta a varinha na direção de Felix.

Capítulo quinze



Nem precisa de papel de presente

— Quem foi então? — pergunta Lottie, a varinha ainda apontada para Felix.

Ele fica olhando da varinha para a fada, dela para a varinha.

— Tudo bem — admite ele. — Fui eu. Você quer brincar de Caratê Crocs? É divertido. — Felix balança as mãos com o jogo em frente ao rosto dela.

Lottie hesita. Devagar, baixa a varinha e olha para o brinquedo com desconfiança. Então dá de ombros.

— OK.

OK? Sério?

Lottie oferece uma das mãos para Felix segurar e, para minha surpresa, ele aceita. Os dois vão se sentar numa mesa. Posso vê-los brincando com o jogo que costumava ser de Jonah.

Meu irmão faz um beicinho.

Estou simplesmente feliz por ela não ter transformado Felix num crocodilo.

— Chegou a hora dos *demagentes!* — chama Bri.

Todas as fadas se reúnem.

O beijo de Jonah vira um sorriso.

— Espero ganhar todas as coisas que pedi. Sério, espero mesmo.

— Eu espero também — digo. — Principalmente as coisas de que *precisamos*.

A fada de cabelo azul dá um passo à frente.

— Hoje, em homenagem ao aniversário de 10 anos de Jonah...

Reviro os olhos.

— Concedo-lhe...

Acordar Robin, acordar Robin!

— O poder de voar!

Sério?

Jonah comemora.

— Eu queria isso! Queria *muito*. Lá vai o SuperJonah! — Meu irmão estica os braços no ar. —

Devo tentar agora mesmo?

— Não, Jonah. Estamos meio ocupados.

— Mas eu queria *muito* tentar.

— Foco, Jonah!

Outra fada vai à frente.

— Hoje, em homenagem ao aniversário de 10 anos de Jonah...

Elas precisam falar isso todas as vezes? Já deu.

— ... concedo-lhe a habilidade de tocar trompete!

Ahn?

— Isso não estava na *demagista* — sussurra Jonah.

— Elas não precisam escolher coisas da *demagista* — lembra Bri. — Uma *demagista* é só uma sugestão. Podem dar o que quiserem.

— Mas precisamos que escolham as coisas importantes — comento, ficando preocupada. — E ele nem tem um trompete.

— Mas posso ter um — devaneia Jonah. — Vou acrescentar à lista.

Bato no ombro dele.

— Simplesmente pare.

Lottie deixa Felix jogando Caratê Crocs sozinho e se aproxima. Minha boca resseca. O que ela vai fazer?

— Pelo aniversário de 10 anos de Jonah...

Engulo seco. Bem seco.

— ... lhe dou um par novo de meias. As que ele está usando estão furadas.

Meias? Viva! Ele totalmente precisa de meias novas.

Jonah mexe os dedos dos pés.

— Não quero meias novas. Podemos trocar os *demagentes*?

— Não. Agradeça por não ser uma maldição — sibilo.

A fada pequenininha se aproxima.

— Pelo aniversário de 10 anos de Jonah...

Blá-blá-blá.

— ... concedo-lhe seu pedido para que a princesa Brianna durma por cem anos até ser acordada por um príncipe.

Eu me animo. Um de nossos pedidos de verdade! Bri vai dormir! Viva!

Todos sorriem. Até mesmo a princesa.

Todos menos Tom.

Seu rosto se contrai e ele parece estar segurando as lágrimas. Parece que o coração dele está se partindo em dois.

Ah.

Ah!

O coração dele *está* se partindo.

Tom ama Bri! Ele não é apenas seu melhor amigo. Ele a AMA. É tão óbvio agora. E é uma pena — ele é um cara tão doce e divertido. E vai perdê-la a qualquer instante.

— Devo ir me deitar? — pergunta Bri, sem ter noção dos sentimentos de Tom. — Vai ser agora mesmo?

— Não neste instante — explica a fada pequenininha. — Todos os *demagentes* se realizarão quando Jonah soprar as velas do bolo dele.

Temos o bolo, mas acho que não pegamos velas de aniversário.

— Bri, onde estão as velas de aniversário? — pergunto.

Ela morde o lábio inferior.

— Não temos nenhuma!

Olho ao redor.

— Deve haver uma em algum lugar. Seus pais têm pelo menos sete de cada coisa.

Ela balança a cabeça.

— Eles não têm *nenhuma* vela de aniversário. Acredite. Não celebramos aniversários em nossa família, por garantia. Aniversários fazem meus pais lembrarem de *demagentes*. Não temos velas de aniversário. Eles têm pavor delas. — Ela enterra o rosto no braço de Tom. — O que vamos fazer? Não temos tempo de ir comprar. Estamos arruinados!

Pense rápido, digo para mim mesma. *Pense rápido!*

— Vamos simplesmente... fazer velas. — Isso! Vamos fazer velas! Quão difícil pode ser?

Bri pisca.

— Não podemos *fazer* velas de aniversário. Pelo menos, *eu* não.

— Claro que pode — incentiva Tom, se virando na direção dela. — Pode fazer o que quiser. É muito criativa. Eu me lembro das torres incríveis que você fazia com cola e galhos! Uma vez você construiu a corte inteira. Ficou muito bom — comenta ele, virando-se para mim. — Ela fez minirrosas e tudo.

— Eu tinha 6 anos — diz Bri. — Estava só brincando.

Esfrego as palmas das mãos.

— Dá para a gente fazer. Só precisamos de cera e barbante. — Agarro meu irmão pela blusa do pijama. — Jonah, corre até aquela engenhoca de costura e arrume fios para o pavio. Aproveite para conferir se Robin continua lá.

Ele faz uma medida e sai.

Bri fica olhando pela janela.

— Talvez possamos pegar uma das velas grandes da AbiRosa, derretê-la, e transformar em velas de aniversário.

— Boa ideia — comemoro. — Vamos conseguir fazer isso, sim!

Eu espero. Na verdade, parece ser um pouco complicado.

Um minuto depois, ouço Jonah chamando de um degrau do alto da torre:

— Bri! Segura!

Ela pega a bola de fios nas mãos e corremos, corremos, corremos até a AbiRosa.

Uma vez lá dentro, procuramos por uma grande vela em silêncio. Não queremos que os pais de Bri nos ouçam.

— Aquela minirréplica da corte que fiz levou meses para ficar pronta — conta Bri. — Ainda assim, não acredito que Tom se lembra disso. — Ela pega uma dentre quatro velas de cor laranja da cornija da lareira. — Que tal?

— É claro que Tom se lembra disso — afirmo com cuidado. — Ele está apaixonado por você.

Surpresa, ela deixa a vela cair no chão.

— Não está, não!

Eu me abaixo para pegar a vela.

— Tenho quase certeza de que está 99% certa. Já pensou em se casar com ele em vez de com o príncipe?

Ela balança a cabeça.

— Não... Ele não é o cara com quem eu devo me casar. Ele é um plebeu. É só um amigo para passar o tempo enquanto espero meu príncipe chegar.

— Mas, Bri, você nem mesmo conhece esse príncipe. Por que escolheria ele em vez do Tom? Não entendo. Por que quer viver daqui a cem anos se sua vida de *agora* é tão boa?

— Eu não sou feliz — responde ela, pegando uma tesoura. — Você ouviu Shaznay. As fadas não me deram felicidade. Mas serei feliz no futuro. Quando minha vida de verdade começar.

Gesticulo, indicando as pinturas e os vasos e os tapetes ao redor.

— Esta é sua vida de verdade!

— Não! Não é. É apenas... o presente.

Ainda não a entendo.

— Por que tem tanta certeza de que vai ser feliz no futuro?

— Porque sim! Terei meu príncipe. E vão existir diversas coisas legais. Tipo... bicicletas! E telefones!

— Bicicletas, telefones e príncipes não vão fazer você feliz — declaro. — Você precisa ser feliz por você mesma.

O rosto dela fica vermelho vivo.

— É isso que estou *tentando* fazer — insiste Bri. — Tentei espetar o dedo na roca. Assim que eu conseguir dormir por cem anos, serei feliz!

— Mas não precisa esperar cem anos para ser feliz. Não consegue ver quantas coisas incríveis tem bem aqui na sua frente? — Eu me estico para tirar uma rosa cor-de-rosa de um vaso de cobre. — Sinta esse cheiro! É maravilhoso!

Ela balança a cabeça e me afasta.

— Não quero mais falar sobre isso. Por que não volta para festa e vê se nossos irmãos não estão estragando alguma coisa? Posso fazer as velas de aniversário sozinha.

Ela quer que eu saia?

— Mas, Bri...

— Vai — dispara ela.

Lágrimas enchem meus olhos. Eu não queria deixar Bri chateada. Mas alguém precisa mostrar a ela a verdade, se ela não consegue enxergar sozinha.

Volto para a torre bem na hora que Shaznay está concedendo seu desejo.

— É o último — avisa Jonah para mim.

— Pelo aniversário de 10 anos de Jonah...

Resmungo.

— ... concedo-lhe um portal mágico que levará ele, a irmã e a amiga dela de volta para Smithville. Esse portal será uma janela!

Obaaaa! Pelo menos existem muitas janelas.

Mas... talvez sejam janelas demais? Como vamos saber qual é a janela certa?

Jonah está quicando.

— Abby, conseguimos! Nos deram tudo que era importante. Até acordar Robin! E terei um cachorrinho com poderes mágicos. O Supercão! E a capa de invisibilidade, que eu nem pedi, mas deveria ter pedido! Conseguiu as velas?

— Bri está fazendo isso — explico, baixinho.

Ele assente.

— Você escreveu meu nome no bolo?

— Não.

— No meu bolo não deveria estar escrito “Feliz aniversário, Jonah”?

— Com o que eu deveria ter escrito seu nome? Catchup?

Ele lambe os beijos.

— Seria o melhor bolo de aniversário do mundo. Abby! Olhe pela janela!

— Por quê? Qual janela? O portal para voltarmos para casa já está se abrindo?

— Não — responde ele. — Mas acho que vi uma pessoa vindo em nossa direção.

— Quem? Onde?

Finalmente vejo para onde ele está apontando. No jardim de rosas lá fora, tem *mesmo* alguém vindo em nossa direção.

É o rei.

Capítulo dezesseis



Uma pelo time

Ah, não! Ele vai acabar com a festa? Corro até a janela e tento interpretar a expressão do rei. Se ele fizer isso, nunca conseguiremos os *demagentes*.

— O que houve? — pergunta Tom, se aproximando de mim.

— O rei está prestes a invadir a festa — explico, apressada. — Temos que o impedir! Ou, pelo menos, servir o bolo antes disso. Jonah, fique aqui.

— Nunca posso fazer nada — murmura ele.

— Ah, qual é — digo. — Aproveite sua festa de 10 anos. Você só vai ter *duas*.

Eu e Tom saímos do salão correndo e fechamos a porta o mais rápido possível. Infelizmente, ainda é possível ouvir o barulho da festa do lado de fora.

— Olá, Vossa Majestade! — cumprimento.

— Olá! — diz o rei. Ele não parece nem um pouco zangado, o que é bom. — Fiquei me perguntando onde vocês todos estavam! Felix está aí dentro também? Estão dando uma festa?

— Não! — respondo, quando Tom diz:

— Sim!

Ops.

— Não é uma festa de verdade — explica Tom. — Só uma reuniãozinha.

O rei franze o cenho.

— Quem está aí?

— Plebeus — respondo rapidamente. — Apenas vários plebeus. Crianças plebeias. Nenhuma fada — acrescento, mas logo me encolho.

— Que legal — comenta o rei e continua andando na direção da porta. — Eu e a rainha somos grandes fãs dos plebeus. Ela está tomando um banho de pétalas de rosa agora; caso contrário, tenho

certeza de que gostaria de vir também. Além disso, preciso pegar o Felix. Está quase na hora de ele dormir.

Então Bri surge no caminho, segurando o que parecem ser velas. Ao ver o pai, ela para e esconde as mãos atrás das costas.

— Pai! Oi!

— Vou buscar o Felix pra você — me apresso em dizer.

O rei dá mais um passo em direção à porta.

— Ah, tudo bem. Quero entrar e dizer olá.

— É uma ótima ideia — declara Tom.

É?

— Os plebeus vão adorar vê-lo. Mas, antes que entre, Brianna me contou do novo tapete que vocês compraram no bazar na semana passada — continua Tom. — Já estou voltando para casa e realmente gostaria de vê-lo antes de ir. E ouvi também que comprou alguns quadros novos?

O rei sorri de prazer.

— É claro. Venha comigo. Diga aos plebeus que mandei um alô — pede ele para Bri com gentileza. — E diga a Felix que ele pode brincar por mais alguns minutos, mas que depois deve voltar para AbiRosa.

Tom se inclina em nossa direção e sussurra:

— Vou distraí-lo por quanto tempo conseguir. Boa sorte.

— Obrigada — sussurra Bri.

— Adeus, Bri. Eu... te amo. — Ele fica corado, se vira e segue o rei.

Ele a ama! Eu sabia!

O queixo de Bri desaba.

— Viu? — comento. — Eu disse! — Talvez ela perceba que Tom é o cara certo para ela. Que escolher um príncipe que ela nem mesmo viu em vez de seu melhor amigo gatinho e fofo é ridículo. E daí se ele é plebeu? Continua sendo o Príncipe Encantado dela.

Jonah abre a porta e dá uma olhada para fora.

— Pessoal? As fadas querem que eu apague as velas. Conseguiram alguma?

Bri permanece imóvel por um instante, mas então assente.

— Sim — afirma ela. Quando estende a palma da mão, vejo que está segurando onze pequenas velas cor de laranja e fósforos. As velas são rugosas e estão escorrendo, mas são velas! — Vamos resolver isso. Hora do bolo.

Ela conseguiu. Estou tão orgulhosa dela.

Bri entra no salão. Acho que ela não vai mudar de ideia. Sigo Bri. E bem na hora certa — pois uma gota de água cai em minha cabeça. Olho para cima e vejo que as nuvens estão escuras de novo. Vai chover.

— Hora do bolo — chama ela de novo.

— Bri, tem certeza disso? — pergunto, fechando a porta atrás de mim com determinação.

Em vez de responder, ela acende a vela com a mão trêmula.

— Pessoal, vamos cantar!

Isso é um erro! Mas o que posso fazer? A escolha é dela.

Todos cantam parabéns para Jonah.

— Tudo certo? — sussurra ele para mim.

— Acho que sim — respondo.

Bri está agarrada ao encosto da cadeira. Será que está com medo de adormecer ou nervosa porque

está tomando a decisão errada? Será que ela vai apagar assim que Jonah soprar as velas? E será que Robin vai dar um pulo e acordar? Será que o portal vai funcionar direito? Qual será que vai ser a janela? E será que Jonah vai conseguir mesmo voar? Ou ficar invisível?

Meu irmão respira fundo e sopra.

Todas as velas se apagam de uma vez. Todas as *onze*.

E lá vamos nós...

Olho ao redor.

Bri continua acordada.

Jonah não está voando nem parece invisível.

Ninguém diz nada. Todos ficam se entreolhando.

O cômodo está em silêncio.

— Nada está acontecendo — anuncia Jonah por fim.

A fada de cabelo azul franze a testa.

— Jovenzinho, hoje é mesmo seu aniversário?

Ele fica vermelho.

— Hum...

— Não é hoje, certo?

— Ele não parece ter 10 anos — sussurra outra fada.

RÁ!

— Festas de aniversário não precisam acontecer no aniversário — murmura Jonah. — Todos sabem disso.

— Jovenzinho — diz Shaznay —, quando é seu aniversário?

— Julho — responde ele.

Engasgos ecoam pela sala.

— Mas ainda falta meses. Você mentiu pra gente!

— Vai mesmo fazer 10 anos? — pergunta outra fada. — É pequeno para a idade.

RÁ DE NOVO!

Jonah balança a cabeça, envergonhado.

— Não gostamos de mentiras — adverte a fada de cabelo azul.

— Não gostamos de ser usadas por causa de nossa magia — comenta a fada pequenininha.

— Mentirosos não ganham *demagentes*! — diz Shaznay.

— Nããããããão! — grita Jonah.

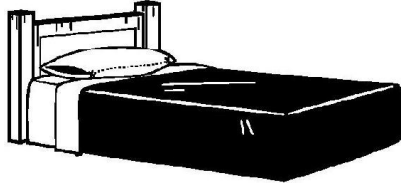
— Mas nós precisamos deles — reclamo.

— Dureza — declara a fada de saltos. — E lembrem-se: como a princesa Brianna sabe muito bem, fadas tratadas com desdém muitas vezes voltam em busca de vingança.

— Por favor, não diga isso! — imploro. — Não gosto de vinganças!

Mas é tarde demais. Todas as fadas balançam as varinhas e, num lampejo brilhante, desaparecem.

Capítulo dezessete



E agora?

Bri continua agarrada à cadeira.

— O que vamos fazer agora? — choraminga ela.

— Não sei — respondo.

O som de um trovão retumba pelo céu.

— Eu realmente queria aquele Supercão — lamenta Jonah.

Dou uma olhada no relógio. Já são nove horas aqui, o que significa nove da manhã lá em casa. Nove! Como isso foi acontecer? Está muito tarde! Meus pais podem entrar em meu quarto a qualquer instante e verão que não estamos em casa. Aí os pais de Robin vão chegar e ainda não estaremos lá. Minha cabeça começa a doer.

Ouvimos um barulho vindo do andar de cima.

— O que foi isso? — pergunta Jonah.

Eu me animo.

— Talvez Robin tenha acordado?

Bri suspira.

— Não. É só o Felix.

— Já não passou da hora do Felix dormir? — questiona Jonah.

Ouvimos uma risada vindo do sótão. É a risada de uma mulher. E não é Robin.

Corremos escada acima.

No sótão, a chuva despenca contra a claraboia. Lottie e Felix estão jogando Caratê Crocs no chão.

— Você ainda está aqui? — pergunto a Lottie. — Achei que tivesse ido com as outras fadas.

— Não. Eu estava explorando. Felix estava me ensinando a fazer cavalinho. É bem divertido. —

Ela olha na direção do pé de Jonah. — Por que não está usando as meias novas?

— Não ganhamos os *demagentes* — confesso. — Na verdade não é aniversário de Jonah. Ele só tem 7 anos. Desculpe.

Ela franze o cenho.

— Vocês mentiram para mim?

Concordamos, envergonhados.

De repente, a porta se abre e uma senhora entra no sótão. Quem é essa? Ela é enrugada e curvada e está usando uma blusa azul-bebê e calças da mesma cor. Parece uma roupa de ginástica.

— Aqui está você — resmunga ela.

— Mãe! — grita Lottie.

Mãe? A décima terceira fada está aqui? A que condenou Bri à morte?

Ela está AQUI?

— Minha! — diz Carlotta, arrancando a varinha da mão de Lottie.

Lottie fica pálida.

— Mãe, o que está fazendo aqui? Eu disse que cuidaria de tudo!

— Parece que a princesa Brianna deu outra festa e não me convidou! — comenta Carlotta com malícia. — Que grosseria!

— Mãe, ela me convidou em seu lugar — explica Lottie, mordendo o polegar. — E não era uma festa para ela dessa vez. A princesa nem montou a lista de convidados.

Bri dá um passo para trás e observa Carlotta.

— Achamos que você estivesse aposentada. — Ela puxa Felix para trás de si para protegê-lo.

Faço o mesmo com Jonah. Carlotta pode estar de roupa de ginástica, mas continua sendo assustadora.

— Eu me aposentei mesmo — confirma ela, esfregando a varinha contra a palma da mão. — Mas mesmo os aposentados saem para ocasiões especiais. E, dessa vez, Bri vai pagar por isso.

— Não tenho medo de você — retruca Bri, mas sua voz está trêmula.

Eu teria medo de Carlotta se fosse ela. Carlotta lançou um feitiço mortal nela quando Bri era apenas um bebê! Será que vai tentar de novo? Mas é então que percebo uma coisa.

— Você não pode lançar o mesmo feitiço duas vezes — declaro. — É pena dupla! — Esse é um termo jurídico que diz que não se pode ser julgada pelo mesmo crime duas vezes. Não tenho a menor ideia se vale para feitiços. Mas deveria valer.

— Qual é, mãe — diz Lottie. — Já não fizemos o bastante?

Carlotta estreita os olhos na direção da filha.

— Enquanto você fica *brincando* com o príncipe, estou aqui para dar à princesa o que ela merece. E pare de roer as unhas. É um hábito nojento!

Lottie deixa as mãos caírem ao lado do corpo e abaixa a cabeça. Parece que está habituada a ouvir esse tipo de coisa.

Bri se ajeita.

— Vá em frente. Me coloque para dormir. Não me importo.

Carlotta solta um grunhido.

— Eu sei que não se importa. É o que você quer! Então não é o que vou fazer. Você, querida princesa, vai ficar acordada. Já os outros... — Ela balança a varinha no ar. — Vão dormir.

— Por quanto tempo? — pergunto. Tenho a sensação de que ela não está se referindo a uma soneca.

— Cem anos — solta Carlotta. Raios lampejam no céu.

Meu coração vai parar no pé.

— Não! Não podemos dormir por cem anos. Temos que voltar para casa!

— Não pode colocar todo mundo para dormir — reclama Bri. — Serei a única pessoa acordada

aqui.

— Exatamente — confirma Carlotta com um sorriso astuto. — Todos que você ama acordarão no futuro. Seus pais. Seu irmão. Seu precioso Tom. Todos, menos você. Quando acordarem, você estará morta.

Jonah aperta minha mão.

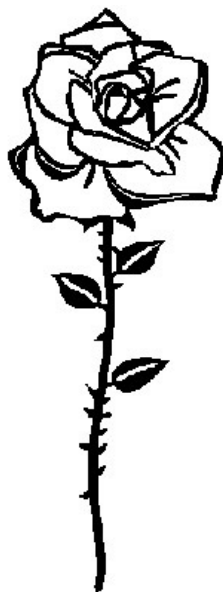
— Mas nós nunca veremos nossos pais de novo — diz ele.

Os olhos de Carlotta reluzem.

— Azar o seu. — Ela balança a varinha no ar uma vez, duas, três. Raios pretos caem sobre nós.

Prendo a respiração e me preparo para adormecer.

Capítulo dezoito



Tal mãe, mas não tal filha

— Não, mãe! — grita Lottie. E ouvimos um baque alto.

As faíscas negras desaparecem no ar.

Meu corpo afunda de alívio. Estou acordada! Estamos todos acordados! Bem, não todos. Carlotta está jogada no chão.

Jonah se inclina na direção dela.

— Ela está respirando?

Os olhos de Lottie estão arregalados.

— Está dormindo. Eu virei a varinha na direção dela. — Ela pronuncia as palavras devagar, como se nem ela acreditasse naquilo.

— Ela vai dormir por cem anos? — pergunto.

Lottie confirma com a cabeça.

— Ou até eu descobrir como acordá-la.

Bri ainda está segurando Felix com firmeza.

— Por que nos salvou? — pergunta ela para Lottie.

Lottie olha na direção da mãe dela e depois para nós.

— Minha mãe sempre foi tão dura comigo, sabe. Eu queria ser professora — explica ela —, mas ela dizia que eu não podia. Disse que eu teria que tomar conta dos negócios da família. — Ela leva o polegar até a boca para roer um pouco a unha, mas logo em seguida balança a cabeça. Lottie vai até a engenhoca de fiar e gira a roca.

“Agradeço por vocês terem me convidado para a festa mesmo depois de eu ter sido tão cruel pela manhã e depois de minha mãe ter tentado... bem, você sabe. Matar você.” Ela franze o rosto e gira a roca mais uma vez. “Quero ser o tipo de fada que brinca de cavalinho e joga Caratê Crocs. E não o tipo de fada que faz as pessoas morrerem. Para ser sincera, quando conheci vocês pela manhã, eu estava planejando fazer com que todos no palácio adormecessem assim que você espetasse o dedo no fuso. Achei que isso seria a melhor coisa a ser feita. Assim Bri ficaria com a família dela. Eu não ia contar para minha mãe, mas ia fazer isso. Essa varinha pode ter feito coisas perversas, mas eu não sou minha mãe. Não sou má.”

Ah! Foi assim que todos acabaram dormindo na história original! Lottie teve pena de Bri!

Lottie se aproxima e bagunça o cabelo de Felix.

— Para provar que quero paz, vou conceder um *demagente* para cada um de vocês.

Vivaaaaaaaaaaaa!

— Para os cinco? — pergunto, ansiosa.

Lottie olha para Robin.

— Bem, não, a que está dormindo não conta. Para vocês quatro. Apenas digam o que querem.

Moleza.

— Quero que Robin acorde!

Lottie assente.

— Jonah? O que você quer?

Ele faz um gesto de luta.

— Um crocodilo que saiba lutar caratê!

Reviro os olhos.

— Qual é, Jonah.

Ele deixa as mãos caírem ao lado do corpo.

— Eu sei, eu sei, não temos onde deixar o crocodilo. Aceito um cachorrinho. — Os olhos dele brilham. — O Supercão!

Eu puxo a manga da camisa do pijama dele.

— Você precisa desejar o portal mágico que vai nos levar de volta para casa.

— Mas... — A voz dele falha. — Eu quero *muito* um cachorrinho. Não precisa nem ser um Supercão. Pode ser um normal.

— Nada de cachorrinhos! Nos leve para casa!

Ele bate o dedo do pé da meia furada no chão.

— Quero um modo de voltarmos para casa, por favor. — Ele olha na direção do teto. — Pode ser pela claraboia? Seria tão irado.

Não seria nada irado. Está caindo uma tempestade. Mas eu já me sinto mal por causa do bichinho, então fico calada.

Lottie se vira para Felix.

— E o que você quer, querido?

Ele sorri.

— Eu quero um cachorrinho!

Jonah o encara, irritado.

— E você? — pergunta ela para Bri. — Imagino que queira dormir por cem anos, certo?

Bri olha para Felix e depois para mim.

— Eu... — Ela faz uma pausa. — Não.

— Não? — repetimos todos ao mesmo tempo.

— Não — diz ela mais uma vez. — Quero ficar aqui mesmo.

— Desde quando? — pergunto.

Ela abraça Felix embora ele tente se esquivar.

— Eu tive certeza quando Carlotta tentou tirar meus amigos e minha família de mim. Não havia percebido o que tinha até quase perder tudo. — Ela balança a cabeça. — De agora em diante, vou valorizar o que tenho bem aqui. Vou olhar ao redor e sentir o cheiro das rosas.

Eu procuro por uma rosa para entregar a Bri, mas o sótão parece ser o único lugar do reino que não tem flores. Então, simplesmente comemoro:

— Isso é ótimo, Bri! Estou tão orgulhosa de você.

— Obrigada — responde ela, tímida. — E também agora percebo que não quero me casar com um príncipe que nem mesmo conheço. Quero me casar com Tom.

— Você quer? — pergunta uma voz. Nós nos viramos e... É Tom. Com um sorriso no rosto.

— Quero — confirma Bri, pegando a mão dele. — Tom, você quer se casar comigo?

— Sim — declara ele.

— Estou tão feliz por vocês — celebro.

Ela se inclina e beija Tom na bochecha. Ele fica corado.

Viva!

— Tem mais alguma coisa que você queira então? — pergunta Lottie.

— Você devia pedir uma bicicleta! — sugere Jonah.

— Ou um telefone celular — acrescento rapidamente. — Eu aceito um, se você não quiser.

Bri inclina a cabeça para o lado.

— Eu *gostaria* de uma bicicleta. Mas, enquanto fazia essas velas hoje, percebi que posso fazer qualquer coisa sozinha. Tipo bicicletas. — Ela gira a roca da engenhoca de fiar. — Estive observando esta roda e acho que consigo fazer uma igual.

Dou uma risada.

— Você vai inventar a bicicleta?

Ela assente com a cabeça.

— Sim! Exatamente! Por que esperar cem anos? Posso criar o que eu quiser agora mesmo! Vou ser inventora!

— Vai ser uma excelente inventora — diz Tom, colocando os braços nos ombros dela.

— Então não quer mesmo pedir nada? — pergunta Lottie.

Bri balança a cabeça.

— Já tenho tudo que quero bem aqui.

— E felicidade? — continua Lottie.

Bri sorri e vejo sua covinha.

— Posso encontrar isso sozinha.

Jonah se aproxima.

— Então será que posso, por favor, por favor, encarecidamente, com catchup em cima e tudo, usar seu pedido para ganhar um cachorrinho?

— Não! — grito. — Jonah, eu também adoraria ter um bichinho, mas não podemos voltar para casa com ele!

— Posso ter um crocodilo que luta caratê então? — pergunta Felix. — Por favor?

Lottie olha para Bri.

Ela dá de ombros e diz:

— Então quero um crocodilo miniatura que saiba caratê.

Jonah retorce o rosto, como se fosse chorar.

— Certo, lá vamos nós... — Lottie gira a varinha para lá e para cá. — Concedo a Felix um cachorrinho e um crocodilo miniatura que luta caratê. A claraboia sobre nós deve ser um portal mágico que os levará para Smithville. E desfazo a maldição de cem anos que deixou Robin adormecida. Um. Dois. Três!

Um cachorrinho marrom adorável aparece e começa a latir. Ele tem orelhas que se mexem e um pequeno nariz preto.

— Ownnnnn! Tão fofinho — murmura Jonah.

Um crocodilo mínimo e verde, do tamanho de minha mão, surge ao lado do pé de Felix. A mãozinha dele se ergue no que parece ser um golpe.

Pode ser pequeno, mas ainda é assustador.

A claraboia no alto começa a girar. Oba! Temos um portal!

Tomara que a gente não fique encharcado. Nem seja atingido por um raio.

— Eba! Meu cachorrinho! — canta Felix. — Vou chamá-lo de Cavalinho! Me dê uma carona, Cavalinho! — Ele tenta se sentar no cachorro, que choraminga e se esconde atrás da perna de Jonah.

E Robin...

Robin ronca.

— Robin — chamo, correndo até ela e pegando suas mãos. — Robin, levante! Temos que ir!

Ela não abre os olhos.

— Por que ela continua dormindo? — pergunto. — O que aconteceu? — A claraboia gira ainda mais rápido. Parece um turbilhão.

Lottie acerta Robin com a varinha mais uma vez, mas nada acontece.

— Sinto muito — diz ela. — Não sei por que meu feitiço não funcionou. Abby, talvez estivesse certa quando mencionou uma pena dupla. Uma varinha não pode lançar o mesmo feitiço duas vezes. Talvez uma varinha também não consiga desfazer um feitiço que lançou.

— Não consegue consertar isso? — Olho para a claraboia, que agora ganhou um tom bem escuro de roxo. — Temos que ir. Está muito tarde.

— Não há nada que eu possa fazer — declara Lottie, impotente. — Você terá de ir sem ela. O portal só ficará aberto por mais um minuto e depois se fechará para sempre.

São quase dez horas! *Temos* que ir. Não temos escolha. Se Lottie não pode criar outro portal, só temos essa opção. Para piorar, as demais fadas podem voltar querendo vingança! Não podemos deixar Robin aqui. Temos que a levar conosco.

— Talvez Maryrose possa ajudar vocês — sugere Lottie. — Os poderes dela são bem maiores que os meus. Mas não mais fortes que os de minha mãe.

Lottie conhece Maryrose? Carlotta também a conhece? Todas as fadas se conhecem?

Jonah aponta para a claraboia.

— Temos que ir! — grita ele.

— Como vamos subir até lá? — penso em voz alta. — Normalmente apenas andamos até o portal, sem ter que pular para chegar nele!

— E se vocês saltarem da cama? — sugere Bri. — Ela tem muitas molas.

— Boa ideia — digo. — Vamos fingir que é um trampolim!

— O que é isso? — pergunta Bri.

— Uma outra coisa que você deve inventar — explico.

Jonah e eu levantamos Robin para que um dos braços dela fique em torno dos meus ombros e o outro nos de Jonah. A cabeça dela cai para a frente, mas continuamos mantendo-a de pé.

— Espere! — grita Felix. Ele corre até onde estamos e nos dá beijos nas bochechas. Own. A gente se despede de todos.

— Agora, pule! — digo a Jonah. Seguramos bem Robin e pulamos. O cachorrinho late, sobe na cama e tenta agarrar o pé de meu irmão. Pulamos mais uma vez e zoom...

A claraboia nos suga para cima.

Capítulo dezenove



Baba real

Somos jogados do espelho diretamente para o chão do porão. Eu, Jonah e a ainda adormecida Robin..

Ai.

Diiiiing-doooooong!

Não! É a campainha da porta! A mãe de Robin chegou!

Olho para Robin, esparramada no chão de barriga para cima e ainda dormindo. O que vamos fazer?

Au! Au!

Eu me sento, giro o corpo e me deparo com uma pequena bola de pelo marrom.

Ai, meu Deus! É o cachorrinho! Ele nos seguiu até Smithville! Trouxemos alguém conosco para casa! Isso é permitido?

— Eu *sabia* que ele gostava mais de mim — comenta Jonah, ficando de pé. — E não vou chamá-lo de Cavalinho. De jeito nenhum. Qual deve ser o nome dele?

O filhote cheira o cabelo de Robin. Depois lambe o rosto dela.

— Ele está beijando Robin — diz meu irmão. — Está tentando acordá-la.

Sim, ele está beijando-a.

Beijando.

BEIJANDO!

Uma ideia explode em minha mente. Talvez Lottie estivesse errada e uma varinha *possa* desfazer o próprio feitiço. Talvez Lottie não tenha lançado o feitiço CERTO. Suas palavras exatas foram: “Desfaço a maldição de cem anos que deixou Robin adormecida.” Ela desfez a parte da maldição sobre dormir por cem anos. Mas não desfez a parte que diz que um príncipe deve acordá-la. Isso

significa que um príncipe pode acordar Robin, ainda que não tenham se passado cem anos.

— O nome do cachorro é Príncipe! — exclamo.

Os olhos de Jonah se arregalam e ele imediatamente fala:

— Bom garoto, Príncipe. Você é um ótimo cachorrinho!

Príncipe, o cachorro, lambe o rosto de Robin mais uma vez.

Ela se move e estica os braços sobre a cabeça. Então abre os olhos.

— Onde estou? — pergunta Robin.

Funcionou! Ela acordou! O que digo a ela? Será que se lembra de alguma coisa?

— Você está no... hum, no porão — explico.

— Tive um sonho muito louco — conta Robin, esfregando os olhos. — Estávamos em uma torre e eu furei o cotovelo, aí... não sei. Acho que estávamos dentro de um conto de fadas. Rapunzel, talvez?

— Ela esfrega o cotovelo. — Ai. Meu braço está doendo. — Ela olha ao redor. — Como vim parar aqui?

— Você veio sonâmbula. Não dá tempo de explicar. — Eu levanto do chão. — Vem comigo!

Seguro Robin pela mão e corro, corro, corro escada acima até a porta da frente.

Minha mãe, meu pai e a irmã mais velha de Robin, Dalia, estão todos parados na entrada da casa. Dalia tem o mesmo cabelo louro-arruivado e cacheado de Robin, mas também tem mechas roxas. Ela não parece nada feliz.

— Aí estão vocês — diz minha mãe, se virando e soltando um suspiro de alívio. — Estávamos começando a ficar preocupados. Não nos ouviram chamando? Estavam no porão esse tempo todo?

— Sim — declaro, quase sem ar.

— Vocês três? — pergunta ela, desconfiada.

Eu concordo com a cabeça.

— Por quê? — retruca ela.

Pense, Abby, pense!

— Acordamos muito cedo e fomos... hum...

— Robin, você ainda está de pijama! — reclama Dalia, pondo as mãos na cintura. — É melhor trocar de roupa rapidinho. A mamãe está esperando no carro e eu preciso chegar na casa de Tali em cinco minutos. Liguei um milhão de vezes pro celular e você não atendeu. Precisa atender o celular sempre que ligo. Entendeu?

Robin esfrega o cotovelo.

— Desculpa, tá? Não ouvi.

Porque celulares não funcionam no reino da Rosa.

Penso em tudo que aconteceu lá — e em tudo que aprendi. Sobre como é importante aproveitar o presente. E não se apegar demais ao futuro.

Talvez eu não precise crescer assim *tão* rápido. Se Bri pode viver o momento, eu também posso. Talvez eu possa esperar mais alguns anos para ter um telefone celular no fim das contas. E, pensando bem, por acaso vou querer que meu irmão me ligue milhões de vezes quando eu estiver dormindo na casa de uma amiga? Não, não mesmo.

— Como você é irritante — murmura Dalia, e Robin fica corada.

E talvez nem sempre seja tão ruim ter um irmão mais novo em vez de um mais velho.

Robin corre pelas escadas. Um minuto depois, ela já desceu com a bolsa de couro no ombro.

Dou um abraço nela.

— Vejo você na segunda-feira.

Ela continua esfregando o cotovelo.

— Isso, nos vemos na segunda. Obrigada por me receber. Foi muito divertido. Da próxima vez, você dorme na minha casa.

— Robin, vem logo! — grita Dalia, já quase chegando no carro.

Quando fecho a porta, respiro bem fundo. Conseguimos! Acordamos Robin e ela voltou para casa inteira!

Viva!

— Café da manhã? — pergunta meu pai. — Vocês devem estar com fome.

— Não muito — responde Jonah. — Comi muitos sanduichinhos.

— O que disse, querido?

Cutuco meu irmão.

— Nada não — respondo por ele. Estamos a salvo. Não vamos estragar tudo agora.

Mas então eu ouço:

Au, au!

Ai. Meu. Deus.

Meu pai se vira na direção do porão.

— O que foi isso?

O filhote empurra a porta do porão, corre aos tropeços pelo corredor e pula na perna de Jonah.

— É o Príncipe! — explica ele. — Nosso cachorro!

Nosso cachorro?

COMO VOU EXPLICAR ISSO?

— Temos um cachorro? — pergunta mamãe, incrédula.

— Er, sim — confirmo. Pense rápido! Por que temos um cachorro? — Achamos esse filhote. No... hum... quintal. Isso! No quintal! Aí nós... fomos ver se alguém na vizinhança tinha perdido um cachorro. E por isso não ouvimos vocês chamando mais cedo. Não estávamos em casa. — Sim! Isso faz sentido. Talvez não completamente, mas algum sentido. Não é?

Meus pais nos olham desconfiados.

— Jonah foi lá fora de pijama e sem sapato? — pergunta minha mãe. — E, Abby... o que está vestindo? Onde arrumou essa roupa?

Ops. Ainda estou usando o vestido azul de Bri.

— Hum. É de Robin. Ela me emprestou. Vou devolver na segunda-feira.

Minha mãe enrugou a testa. Não tenho certeza se ela acreditou em alguma coisa do que eu disse.

— Certo — diz ela finalmente. — Mas tenha cuidado. Parece ser caro.

Jonah segura o cachorrinho no colo e deixa que ele lamba seu rosto.

— Podemos ficar com ele? — pergunta meu irmão com uma expressão de súplica. — Por favor, por favor? Demos a ele o nome de Príncipe. Não é fofo? — Jonah entrega o filhote a meu pai, e Príncipe lambe o rosto dele também.

Meu pai ri.

— Ele é bem agitado.

— Não sei se devemos — comenta minha mãe.

— Por favor, por favor, por favor? — insiste Jonah.

Mamãe abre a boca, mas logo em seguida a fecha. Ela está cedendo? Acho que sim. Ela olha para meu pai e dá de ombros.

Não pode ser. Meu coração dá um salto. Ela está mesmo considerando deixar a gente ficar com o cachorro?

— Vamos tomar conta dele! — grito. — Posso levá-lo para passear todos os dias!

Jonah pula.

— E eu dou comida pra ele! Comida boa também, não só catchup!

Mamãe e papai se entreolham em meio ao filhotinho peludo.

— Pode ser divertido... — diz ela.

— Vai ensiná-los a ter responsabilidades... — completa meu pai.

Prendo a respiração.

— Tudo bem — concorda minha mãe afinal. — Mas primeiro precisamos tentar encontrar os donos dele. E se não conseguirmos...

— Podemos ficar com ele? — pergunta Jonah.

— Aí podem ficar com ele — confirma ela. — Mas, sinceramente, crianças, não se apeguem muito ainda, caso tenhamos que o devolver. — Ela acaricia o pelo dele. — Quem é uma gracinha?

— pergunta mamãe numa voz de bebê.

Jonah e eu damos um sorriso vitorioso um para o outro.

Finalmente Smithville tem seu próprio príncipe.

— Vou cochilar um pouco — digo logo depois do almoço. Mal consigo manter os olhos abertos. Ainda estou no fuso do conto de fadas.

— Boa ideia — responde minha mãe. — Tenho certeza de que você e Robin ficaram a noite inteira conversando.

Não exatamente. Mas concordo e sigo para o andar de cima. Príncipe me segue na mesma hora. Que fofo. Parece um bichinho de pelúcia, só que é de verdade.

Estou prestes a me deitar quando lembro de conferir a caixinha de joias. Vejo Bri imediatamente. Em vez de estar deitada dormindo, ela está andando de bicicleta... e sorrindo.

Eu sorrio também. Me enfio embaixo das cobertas. Príncipe pula na cama e aconchega seu pequeno corpo junto ao meu.

Nem acredito que trouxemos um cachorro conosco.

É claro que já trouxemos outras coisas antes — roupas, sapatos e coisas do tipo —, mas nunca nada que estivesse VIVO.

Passo os dedos nos pelos dele. Se Príncipe pode vir conosco, será que isso quer dizer que os outros personagens podem também?

Talvez Bri ou uma das outras princesas pudesse vir me visitar!

Se bem que, se uma das princesas puder vir, isso significa que as pessoas não tão legais poderiam também. Tipo a Carlotta.

Estremeço. Não quero nem pensar no que poderia acontecer se ela viesse.

Príncipe enfia o nariz no colchão e fecha os olhos.

— Cansado? — pergunto entre bocejos.

Ele boceja também. Bocejar é mesmo contagioso.

— Vamos dormir um pouquinho?

Vou me preocupar com Carlotta ou outro personagem malvado vindo para Smithville depois. Neste instante, fecho os olhos, deixo minha mão no dorso de Príncipe e simplesmente murmuro:

— Bons sonhos.

Agradecimentos

Obrigada, obrigada e obrigada a: Laura Dail, Tamar Rydzinski, Aimee Friedman (a mais rápida e ágil editora do mundo!), Abby McAden, David Levithan, Becky Shapiro, Beck Amsel, Bess Braswell, Allison Singer, Janet Robbins, Lizette Serrano, Emily Sharpe, Emily Heddleson, Candace Greene, AnnMarie Anderson, Courtney Sheinmel, Emily Bender, Anne Heltzel, Lauren Myracle, E. Lockhart (um obrigada duplo pelas anotações incríveis!), Tori, Carly e Carol Adams, Targia Alphonse, Shaznay Calixte (que tem um nome maravilhoso!), Jess Braun, Lauren Kisilevsky, Bonnie Altro, Susan Finkelberg-Sohmer, Corinne e Michael Bilerman, Jess Rothenberg, Adele Griffin, Leslie Margolis, Robin Wasserman, Maryrose Wood, Tara Altebrando, Sara Zarr, Ally Carter, Jennifer Barnes, Alan Gratz, Penny Fransblow, Maggie Marr e Farrin Jacobs.

Amor e gratidão a minha família: Aviva, papai, Louisa, mamãe, Robert, Gary, Lori, Sloane, Isaac, Vickie, John, Gary, Darren, Ryan, Jack, Jen, Teri, Briana, Michael, David, Patsy, Murray, Maggie e Jenny.

Amor extra e obrigada a meu marido, Todd.

Oi, Chloe Michelle Swidler. Eu amo você. Sei que quer ver seu nome completo em um livro, então aqui está! Para evitar uma briga entre irmãs, Anabelle Morgan Swidler, também amo você. Obrigada às duas por serem tão espertas e carinhosas, mesmo sem ter tido uma festa com *demagentes*. Ou quem sabe não tiveram...

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

A festa dos sonhos – Era outra vez – vol. 4

Site da autora:

<http://www.sarahm.com/>

Facebook:

<https://www.facebook.com/sarahmbooks>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/sarahmlynowski>

Tumblr da autora:

<http://sarahmlynowski.tumblr.com/>

Wattpad da autora:

<https://www.wattpad.com/user/SarahMlynowski>

Snapchat da autora:

<https://www.snapchat.com/add/smlynowski>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/771.Sarah_Mlynowski

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/1666-sarah-mlynowski>

Sinopse do livro

http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29553

Sobre a autora:

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5041